

BrOffice REVISTA

Ano 5 | Nº 20 | Março 2011

Artigo:

Observações sobre o gramado

Onde reside a força das comunidades livres?

Espaço Aberto:

Acomodando um elefante no escritório

A combinação perfeita entre o LibreOffice e o PostgreSQL

Inclusão Digital:

Revolução digital em Sumaré

Prefeitura compra lousas digitais, laptops, novos computadores e até um ônibus



carta do leitor



colaboradores

- Quem faz a revista



artigo

- Observações sobre o gramado
- Versões do ODF



entrevista

- Roberson Carlos - Gráfica livre
- Série Desenvolvedor: Vajna Miklos



reportagem

- Inclusão digital no município de Sumaré, SP



dicas rápidas

- Inserindo títulos em tabelas
- Autoformatação de tabelas



cultura

- Redblade – Episódio 09 – Mais do mesmo
- Entrevista com Cárliston Galdino
- Dica de filme



dicas

- Macros em Python
- BrOffice e Dropbox
- BrOffice e o tradutor do Google
- Utilizando a fórmula SE



espaço aberto

- Acomodando um elefante no escritório



resumo

- Resumo do mês



Sobre gramados, rochas e areias...

Como diria um amigo, não tem jogo fácil. Vira e mexe estamos por aqui falando de desafios superados, conquistas, que de certa forma também guardam a ideia de superação.

Há um ditado que diz: “em tempos de crise, tire o S da palavra crise e CRIE”. Em nosso caso tiramos o S e colocamos um RE e RECRIAMOS a Revista BrOffice com base nos valores iniciais. Um verdadeiro resgate, graças a muitos colaboradores novos que chegaram e outros antigos que voltaram.

No visual o leitor não vai perceber nada, pelo menos por enquanto. A mudança de que falamos está no modo como organizamos o nosso trabalho para que o leitor seja o maior beneficiado. Na prática, estamos trabalhando para colocar à disposição de todos um portal exclusivo da [Revista](#) que já está no ar, mas ainda em caráter experimental. Outras novidades devem surgir em breve.

O importante é que todos os últimos incidentes envolvendo a OSCIP BrOffice.org, amplamente noticiados, não foram capazes de colocar em cheque o trabalho da Revista. Isto porque o nosso alicerce foi feito sobre a rocha e não sobre a areia, se me permitem uma citação bíblica.

No artigo de Roberto Salomon, ele diz o mesmo, só que com outras palavras. Ele nos lembra que em alguns projetos de Software Livre impera o comportamento de Hidra de Lerna (animal fantástico da mitologia grega que tinha várias cabeças e que quando uma delas era cortada nascia outra no lugar ou várias outras).

Isso para dizer que projetos sérios, sólidos, não morrem jamais.

Na reportagem de capa o investimento em TI na área de Educação do município de Sumaré - SP, foram adquiridos mil notebooks, várias lousas eletrônicas, um ônibus equipado com computadores e com rampa de acesso, além de novos equipamentos para os laboratórios das escolas. Ainda falta um incentivo maior do executivo para a adoção de Software de Código Aberto e Livre, além do padrão ODF, em toda a administração, conforme recomenda o Governo Federal, mas isso é uma questão de tempo.

Na coluna Espaço Aberto, o assunto é a combinação dos recursos de manipulação de dados no BrOffice Base com a robustez e segurança do PostgreSQL.

Na série de entrevistas com os desenvolvedores do LibreOffice, chegou a vez de Miklos Vajna que, entre outras coisas, trabalhou na reformulação e melhoria do filtro de importação do RTF.

Boa leitura!

Luiz Oliveira

Colaboradores dessa edição

Redação:

Luiz Oliveira	Roberto Salomon
Clóvis Tristão	Carlos A. Vega Loyola
Paulo de Souza Lima	Leonardo Cezar
Carlison Galdino	

Dicas:

Júlio César Eiras Melanda
Rodrigo Jardim da Fonseca
Clóvis Tristão
Helmar Fernandes

Tradução e adaptação:

Clóvis Tristão

Diagramação:

Hélio S. Ferreira	Renata Marques
Luiz Fernando Carvalho	Helmar Fernandes

Revisão:

Renata Marques	Cida Coltro
Albino Biasutti Neto	Luiz Oliveira
Fátima Conti	Eduardo Alexandre Gula
Paulo de Souza Lima	Wilkens Lenon Silva de Andrade
Carlos Alberto L. Júnior	Clóvis Tristão
Claudio Ferreira Filho	Helmar Fernandes

Capa:

Érica Tamiris

Edição:

Luiz Oliveira

Jornalista Responsável:

Luiz Oliveira – Mtb. 31064

Coordenador Geral BrOffice.org:

Cláudio Ferreira Filho – filhocf@broffice.org

Escreva para a Revista BrOffice:

revista@broffice.org

Edições anteriores: www.broffice.org/revista

O conteúdo assinado e as imagens que o integram são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores, não representando necessariamente a opinião da revista BrOffice e de seus responsáveis. Todos os direitos sobre as imagens são reservados a seus respectivos proprietários

O que é o BrOffice

É o produto, ferramenta de escritório multiplataforma, livre, em bom português, desenvolvido sob os termos da licença LGPL, composto por editor de texto, planilha de cálculo, apresentação, matemático e banco de dados, mantido pela comunidade e OSCIP, que trabalha para a difusão do SL/CA no País.

Desenvolvimento

Esta revista foi elaborada no BrOffice, editor de texto, planilha eletrônica, apresentação e, diagramação. A reprodução do material contido nesta revista é permitida desde que se incluam os créditos aos autores e a frase: “Reproduzido da Revista BrOffice – www.broffice.org/revista em local visível.

A Revista BrOffice declara não ter interesse de propriedade nas imagens. Os direitos sobre as mesmas pertencem a seus respectivos autores/proprietários.

O conteúdo da Revista Broffice está protegido sob a licença Creative Commons BY-NC-SA, disponível no site www.creativecommons.org.br. Esta licença não se aplica a nenhuma imagem exibida na revista e, para utilização delas, obtém-se autorização junto ao respectivo autor



Carta do Leitor



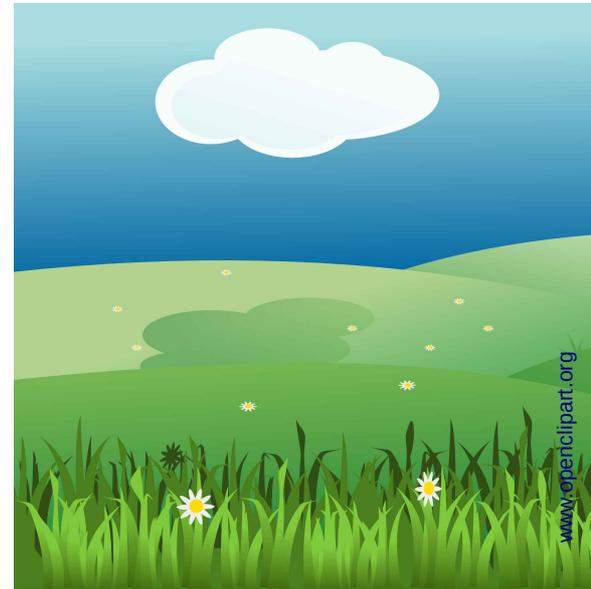
Conhecendo os colaboradores





Observações sobre o gramado

Por Roberto Salomon



Dizem que a grama do vizinho é sempre mais verde. Quanto a isso não posso opinar pois o meu vizinho resolveu concretar quase que o todo, o que é uma pena, mas não tem nada a ver com o tema deste artigo.

A grama é muito usada por analistas americanos para descrever certos movimentos sociais de base que se espalham como grama em terreno fértil. Chamam isso de “*grassroots movements*”. Como traduzir isso como “**movimentos de raiz de grama**” não faz o menor sentido, prefiro “**movimentos de base**” mesmo.

Percebemos a ocorrência destes movimentos em diversos projetos populares de Software Livre. O tal do “*grassroots*” se caracteriza por um comportamento de hidra: corta uma cabeça aqui e aparecem mais 4 ou 5 em locais diferentes. Normalmente é um movimento difuso que indica a saúde de um projeto. Quanto mais difundido o movimento, maior tende a ser a participação no projeto.

Sabendo que o movimento de base é um sintoma de saúde, muitas empresas se esforçam para promover os seus próprios grupos e movimentos como forma de mostrar aceitação de mercado e popularidade. Na sua impressionante criatividade, os analistas americanos também deram um nome de grama para este tipo de movimento: “*astroturf*”.

Para quem não frequenta os campos de futebol “*Society*”, *astroturf* é aquele gramado artificial que parece um tapete, só que com maior capacidade de arrancar a pele do joelho e de qualquer outra articulação que por desventura se veja arrastada por sua superfície.

Para o público desavisado, o *astroturf* até parece com a grama de verdade. Mas é só chegar mais perto para ver que não há nada por baixo. Não há raízes.

Lembrei-me dessas questões de grama a propósito do lançamento quase simultâneo da versão 3.3 do

Observações sobre o gramado

Por Roberto Salomon

OpenOffice.org e do LibreOffice. Houve enorme publicidade no lançamento do LibreOffice, eventos online, artigos em diversas revistas, listas de inovações e por aí a fora. Já com o OpenOffice.org...

Depois que a Oracle conseguiu o inimaginável e inventou um fork de comunidade, conseguimos ver onde começa a grama sintética e a distância entre ela e a grama real da comunidade. O lançamento do OpenOffice.org 3.3, até a pouco tempo um bastião dentre os projetos de Software Livre, praticamente não repercutiu em lugar nenhum. Todos os holofotes estavam apontados para o gramado e não para o carpete.

Movimentos *astroturf* não duram muito. Existem apenas enquanto houver interesse das empresas que os mantêm. O silêncio retumbante no lançamento do OpenOffice.org 3.3 parece indicar que esse interesse não vai muito longe. Pena.

Comunidades fortes são mesmo como gramados. Sofrem na seca mas sempre voltam com uma força inesperada assim que a chuva volta

Mas o assunto aqui é grama, digo, comunidade. E a respeito disso há ainda uma terceira variação de gramado que ainda não foi identificada pelos criativos jornalistas americanos. Não creio ter sido o primeiro a identificar tal espécie de gramado mas tomo a liberdade de batizá-lo de “bonsai”.

Assim como um bonsai é, tecnicamente, uma árvore, o gramado bonsai é, tecnicamente, um gramado. No entanto, o seu alcance é limitado ao vaso que o contém e limita. E esse vaso é cuidadosamente estudado para fazer com que a miniatura reproduza toda a aparência da coisa verdadeira. Só que em escala muito menor. O movimento bonsai se caracteriza por ignorar a existência do gramado real pensando que o simulacro de natureza contido no vaso é a coisa real. E muita gente acredita porque tem que chegar tão perto do bonsai para vê-lo que deixa de ver o gramado por trás. O bonsai só existe porque interessa ao seu dono que se interessa apenas satisfazer o desejo de controlar a natureza.

Movimentos bonsai pululam na Internet. Com poucas pessoas e com bons acessos e controles sobre comunicação, os bonsais conseguem se passar pelas comunidades que dizem ser. Infelizmente, bonsais, a manutenção é cara e requer muita atenção de seus donos para manter o viço. Se o dono descuidar, babau. Um bonsai a menos na rede.

Comunidades fortes são mesmo como gramados. Sofrem na seca mas sempre voltam com uma força inesperada assim que a chuva volta. *Astroturfs* e bonsais, no entanto, não sobrevivem sem manutenção constante. São acidentes de percurso que, em comum, têm apenas a vontade de parecer com a grama real. ✓



As versões do ODF



<http://andy.fitzsimon.com.au/img/odf.png>

Por Rob Weir | Tradução Clóvis Tristão

Já se passaram alguns meses desde que o OASIS ODF TC realizou um trabalho técnico substancial no ODF 1.2. Tivemos, durante 60 dias no verão passado, a opinião do público, uma revisão durante 15 dias em Dezembro, e esperávamos iniciar outra revisão pública a partir desta semana. Toda vez que realizamos uma mudança nas especificações, recebemos uma resposta do público, e somos obrigados a aguardar os 15 dias de opinião pública. Este procedimento é necessário, pois assegura que todas as partes envolvidas tenham a oportunidade de comentar e opinar. Mas, isto não é muito divertido.

No entanto, como a especificação ODF 1.2 passará o resto do seu processo de revisão e aprovação no OASIS, temos que voltar nossa atenção para o ODF-Next. Timidamente (e deveríamos ter uma votação no TC sobre o plano de trabalho nas próximas semanas), estamos diante de dois anos de planejamento para ODF 1.3, com quatro projetos intermediários (Comitês de Especificações de Rascunhos ou CSD's). O primeiro CSD deverá aparecer em Setembro de 2011. Não definimos, ainda, quais características deverão estar no ODF 1.3. Portanto, este é o momento de juntar-se ao ODF TC, para "brigar" pelas definições do próximo lançamento.

Enquanto aguardamos a aprovação do ODF 1.2, e iniciamos os trabalhos no ODF 1.3, continuamos a manutenção do ODF 1.0 e ODF 1.1, as versões anteriores do ODF.

Uma vez que a evolução do ODF 1.0 → ODF 1.1 → ODF 1.2 → ODF 1.3 é projetada para que as versões sejam compatíveis, o usuário não notará a diferença. Seus documentos em ODF 1.0, deverão carregar perfeitamente em editores com ODF 1.2, ou ODF 1.3. Nós tentamos muito não introduzir "alterações significativas", que possam causar problemas com documentos antigos. Naturalmente, o fornecedor do aplicativo tem uma responsabilidade, assim como, estar atento aos problemas de compatibilidade de versão. Mas, do ponto de vista dos padrões, eu não acredito que fizemos algo que impeça algum editor de ser (ao mesmo tempo) compatível com ODF 1.0, ODF 1.1 e ODF 1.2. De fato, eu espero que a maioria dos editores atuais, sejam capazes de ler qualquer versão de ODF, embora possam salvar apenas a versão atual ou, talvez, as duas mais atuais.

Além disso, temos padrões ODF no OASIS e ISO. Já ouvi dizer que alguns estão confusos com isso, sobretudo com essas diferenças de versões, e a que elas correspondem.

As versões do ODF

Por Rob Weir | Tradução Clóvis Tristão

Vejamos se podemos esclarecer mais.

Primeiramente, retornamos a 1990. Depois de décadas de sucesso com a padronização de porcas e parafusos, recipientes de transporte, e os diversos aspectos importantes do mundo físico para o comércio internacional, a ISO estava na encruzilhada. Não restava mais nada para padronizar no mundo físico. Eles estavam vislumbrando o sucesso das normas de gestão, que logo deveriam ser a parte importante do trabalho, por exemplo, ISO 9001, gestão de qualidade.

Mas ISO, não estava se dando bem com os padrões de tecnologia. A referência ISO, para modelos de rede foi um fracasso. O C++ estava em discussão há seis anos, em uma comissão. E então surgiu a concorrência de novas normas de consórcios mais ágeis, como o IETF e o W3C. Estavam trabalhando com indústrias importantes, que essencialmente, criaram a web. Quase todas as principais tecnologias da internet, incluíam TCP/IP, HTTP, HTML, XML, JavaScript, SMTP, MIME, POP3, IMAP, etc., eram desenvolvidas fora das normas ISO.

Esteja certo, que esta nova competição não passou despercebida em Genebra. Como eles dizem, “Se não pode vencê-los, una-se a eles”. Neste caso, levá-los a juntar-se a você. Um dos caminhos pelos quais, a ISO/IEC JTC1 (o comitê da ISO que controla as normas tecnológicas) respondeu, foi a introdução do processo de Especificação Pública (PAS). A ideia é permitir que sejam reconhecidas as normas do consórcio (e há um processo formal ISO para se obter esse reconhecimento), submetendo a importantes padrões de mercado já aprovados, ao ISO/IEC JTC1, para a conversão acelerada e aprovação como norma internacional. Essencialmente, com esses envios ao PAS, elas pulam o trabalho do subcomitê ISO, e avançam diretamente para o processo final de votação. Isto é um avanço.

A ISO fica com as normas mais importantes em seu catálogo, e o consórcio pode continuar a realizar seu trabalho num ritmo mais ágil.

Assim, quando olhamos para as versões do ODF, temos mais que ODF 1.0, ODF 1.1, ODF 1.2 e ODF 1.3. Para cada uma dessas, temos uma versão OASIS e ISO. E para cada número de versão, temos publicada correções, e essas são refletidas em ambos os catálogos, do OASIS e da ISO. Parece confuso no início, mas é importante notar que o OASIS e o ISO/IEC JTC1 concordam em manter suas versões de ODF, equivalentes. Este acordo foi firmado em um documento de Ajustamento de Conduta. Isto significa, que você deverá ser capaz de usar a versão OASIS, ou a versão ISO, de acordo com suas necessidades, e ter a certeza que ambas sejam compatíveis entre si. Se você requisitar uma versão ISO, pode usá-la. Se você precisar da última versão, então use a versão da OASIS, pois a versão ISO costuma vir um ano ou mais tarde.

Esperamos que o diagrama seguinte esclareça quais versões do ODF são tecnicamente equivalentes. Note que existe uma linha do tempo. A ordem real na qual as várias versões foram publicadas está errada, uma vez que as correções para as versões antigas do ODF, podem, e vêm, após a publicação das edições mais recentes. Mas o diagrama ilustra a correspondência da equivalência tecnológica das versões OASIS e ISO com o ODF. Os grandes retângulos arredondados são normas publicadas, os blocos ovais menores são correções (“Errata” no OASIS e “Corrigenda” na ISO), e os retângulos ao lado do ISO são alterações.

Em particular, note:

- A norma OASIS ODF 1.0 corresponde à ISO/IEC 26300:2006;

As versões do ODF

Por Rob Weir | Tradução Clóvis Tristão

- O OASIS publicou dois documentos Errata para ODF 1.0, e ambos têm sua correspondente Corrigenda na ISO, a primeira foi aprovada, e a segunda está sobre análise e voto.
- A OASIS ODF 1.1 + Errata 01 correspondem à ISO/IEC 26300:2006 + Corr.1 + Corr.2 + Amd. 1. Este é um caso mais complicado, que envolve várias corrigendas, bem como mudanças na OASIS ODF 1.1. Mas o resultado será Amd. 1 (e a votação na ISO está a caminho) que deverá ser uma versão ISO da ODF 1.1.

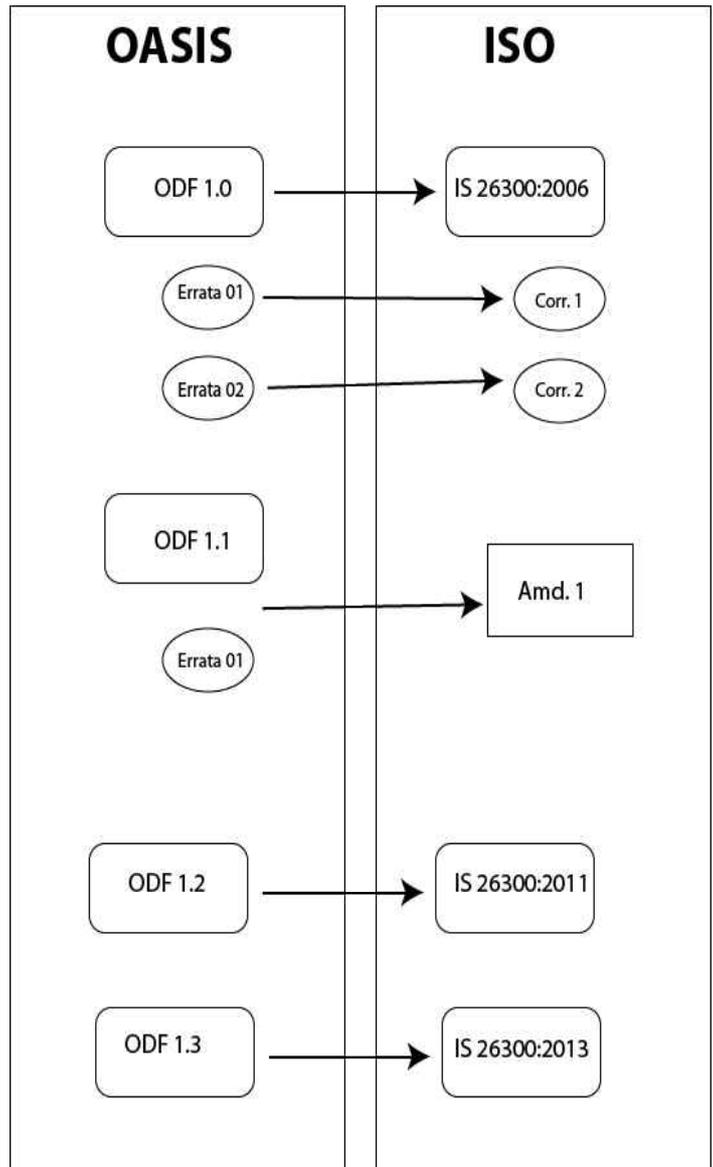
O plano é submeter a OASIS ODF 1.2 ao ISO/IEC JTC1 respeitando as regras de transporte do PAS. Esperamos receber o relatório de problemas do ODF 1.2, e esses deverão ser endereçados para Errata no OASIS e para Corrigenda na ISO, para a devida manutenção técnica. Idem para o ODF 1.3. Uma vez aprovado pelo OASIS, submetemos às regras do PAS para a manutenção técnica equivalente.

Portanto, isso não é tão complicado. Temos uma série de compatibilidades das versões do ODF, durante vários anos. O trabalho técnico é realizado pelo OASIS, em um comitê técnico. Após aprovado pelos membros do OASIS, a versão OASIS ODF da ODF é submetida, dentro das regras do PAS, ao JTC1. Após aprovado pela ISO, o comitê OASIS ODF e o comitê ISO ODF (chamado ISO/IEC JTC1 SC34/WG6) reúnem-se para assegurar que as duas versões estejam alinhadas, com atenção específica para que ambas tenham relatados o mesmo conjunto de defeitos, e mantenham a sincronia nas correções.

Fonte:

<http://www.robweir.com/blog/2011/02/the-versions-of-odf.html> ✓

Diagrama de equivalência ODF



Festival Latino Americano de Instalação
de Software Livre

FLISOL 2011

CAMPINAS/SP

PALESTRAS

Fique por dentro da revolução silenciosa que está acontecendo em várias áreas com o **software livre** (programação no site)

OFICINAS

Aprenda fazendo ao vivo as principais funcionalidades de diversos softwares livres (programação no site)



CEPROCAMP
Av. do Expedicionários, 145 - Centro
ENTRADA LIVRE
das 09h00 as 18h00

09
ABRIL

- Promoções, Brindes, Sorteios e muito mais aos visitantes

INSTALL FEST

Traga seu computador para instalar gratuitamente os melhores softwares livres da atualidade para uso no trabalho, no escritório ou em sua casa

SOFTWARE LIVRE!

Saiba o que é e como você ou sua empresa podem se beneficiar com o uso de aplicativos e sistemas livres.

Mais Informações
www.flisolcampinas.org





Livre que te quero GRÁFICA

Por Carlos Alberto Loyola Junior

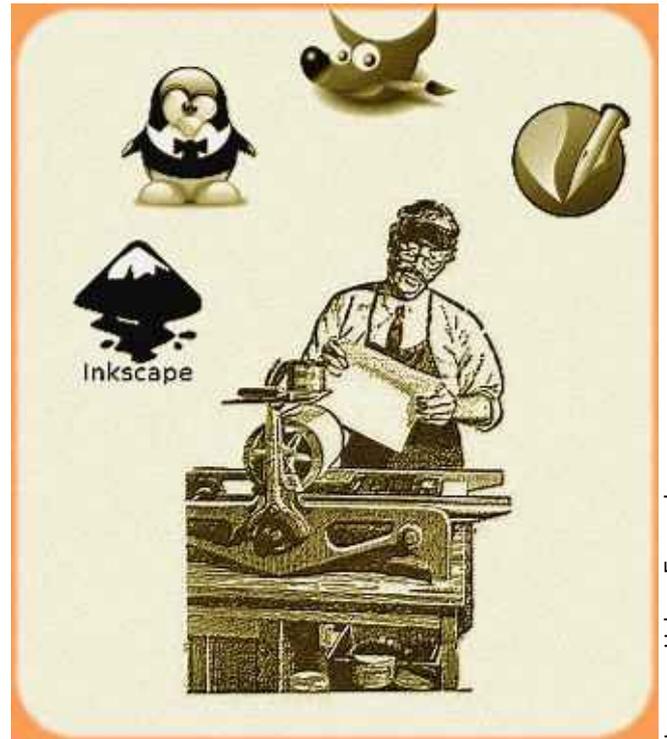


Imagem: Helmar Fernandes

Gráfica em Belo Horizonte/MG inova ao usar somente software livre em sua produção. Surge a Gráfica Livre.

★Qual a sua profissão? Quantos anos você tem? Qual a sua formação?

Sou empresário, tenho 27 anos e curso Engenharia da Computação.

★Qual o faturamento anual da empresa?

R\$ 168 mil.

★Porque criar uma gráfica com software livre?

Porque o mercado necessitava de empresas que aliassem qualidade, preço e rapidez na execução de serviços gráficos e, principalmente, porque precisava de uma gráfica capaz de dar suporte ao Software Livre (SL). Assim, em 2009 nasceu a Gráfica Livre, quando eu tive a ideia de unir desenhistas que usassem software livre e uma gráfica que aceitasse arquivos em padrões abertos de arquivos e que tivesse qualidade para que o designer não se preocupasse quanto ao resultado final - uma gráfica diferente para um público diferente.

★Quais as maiores dificuldades encontradas?

A maior dificuldade foi adequar os clientes aos padrões de arquivos em software livre. Em gráficas grandes a forma de trabalho é diferente das pequenas. As primeiras trabalham com grades, e o padrão deve ser rigoroso, porque um erro prejudicaria o pedido de vários outros clientes.

Uma outra coisa é a adoção pela comunidade. Mesmo hoje, com pouco mais de um ano de gráfica, ainda recebemos mais arquivos (PDF) criados em software proprietário que em Software Livre. A comunidade sempre reclamou uma gráfica com padrões livres, que aceitasse arquivos do *Inkscape* ou *Scribus*.

★Qual a importância em implementar o software livre em uma empresa?

Não acho que a adoção do software livre tenha uma questão em especial. Na minha opinião, o software livre é uma realidade principalmente nos países do BRIC.



Livre que te quero Gráfica

Por Carlos Alberto Loyola Junior

O software livre, além da qualidade e confiabilidade, na maior parte dos casos não tem custo de compra, tem o código fonte aberto e pode ser alterado pelas empresas ou usuários. A Gráfica Livre é um exemplo de sucesso com o uso do software livre. Existem empresas maiores que a gente, como é o caso do Banco do Brasil que apostaram no software livre, o que nos custaria apostar também?

★Alguns profissionais migraram do software proprietário para o livre?

Me lembro de um caso de um cliente que havia se formado em Design a pouco tempo. Ele se tornou rapidamente um representante da gráfica na cidade dele. Ele enviava os arquivos em formato JPG 400 DPIs, mas depois conversamos com ele e pedimos para enviar em formato PDF1xa. Ele perguntou o porquê e nós então explicamos que trabalhávamos com software livre e apresentamos para ele o *Scribus* e o *Inkscape*. Ele nunca havia ouvido falar, mas instalou em sua máquina.

★Como reagiram ao se deparar com o novo software?

Segundo ele era muito diferente dos programas que ele havia usado no período de faculdade, sei que ele usou algumas vezes.

Acredito que as pessoas, principalmente aqui no Brasil, não trocariam seu *Corel Draw* pelo *Inkscape*, pois é muito mais fácil e rápido baixar o *Corel Draw* da internet do que aprender a usar o *Inkscape*.

★Quanto foi a redução de custo referente a software?

Na verdade, quanto seria, pois a Gráfica Livre já nasceu usando Softwares Livres. Mas se for pensar em quanto teríamos de gasto caso tivéssemos comprado licenças

para todas as nossas máquinas eu diria o seguinte: a Gráfica Livre ainda é muito jovem para se ter uma visão detalhada, no entanto, o custo inicial com software proprietário seria de pouco mais de R\$ 20.000,00 (*Photoshop CS4*, *Acrobat Professional*, *CorelDraw X5*, *Windows 7 Professional* e *Office 2007 Small Business*). Este valor seria somente para as licenças, não estou contando valor de suporte.



Roberson Carlos - Proprietário

“ Eu diria para apostarem no software livre, para confiarem nele... ele já é uma realidade e querendo ou não hoje faz parte de nossas vidas. ”

★Quanto funcionários trabalham na empresa?

No escritório da Gráfica, além de mim que sou o diretor geral, temos mais cinco pessoas. Um desenhista, uma diretora de finanças, um gerente de marketing e duas atendentes.

Livre que te quero Gráfica

Por Carlos Alberto Loyola Junior

★ Sobre projetos futuros quais são as ideias da Gráfica Livre?

A Gráfica Livre está negociando com uma empresa o desenvolvimento de um *websoftware* para os artistas gráficos gerenciarem seus pedidos, clientes e finanças diretamente no site da gráfica.

Um outro projeto da empresa é criar local no servidor onde o artista gráfico poderia criar uma página gratuitamente no servidor da Gráfica Livre que funcionaria como um guia do design gráfico, seria útil por exemplo quando uma empresa comprar algum serviço com a gente, no nosso próprio site ele poderia pesquisar por um artista para fazer a arte. O artista negociaria e faria a arte, e a enviaria para a gente produzir.

O pessoal do marketing da Gráfica Livre estava pensando em criar um sistema para premiar, como faz o *Adwords*, pessoas que indicassem a gráfica.

E por último a partir destas ideias acima criar uma comunidade.

★ Como vai ser o espaço que será dado ao artista gráfico no site?

Será um espaço gratuito para quem quiser se divulgar. A comunidade é que decidirá como deverá ser, mas creio que não terá nada demais, um portfólio do artista, simples como é a Gráfica Livre.

★ Sobre a comunidade, no que pode ajudar no crescimento do software livre?

Esta comunidade seria onde artistas gráficos e interessados poderiam compartilhar experiências, trocar arquivos, mostrar artes finais em suas páginas pessoais - uma comunidade para artistas gráficos e interessados.

“ O Software Livre, além da qualidade e confiabilidade, na maior parte dos casos não tem custo de compra, tem o código fonte aberto e pode ser alterado pelas empresas ou usuários. A Gráfica Livre é um exemplo de sucesso com o uso do Software Livre. ”

★ Que você diria para os novos empreendedores que querem começar direto com o software livre?

Eu diria para apostarem no software livre, para confiarem nele, pois como disse antes, ele já é uma realidade e querendo ou não hoje faz parte de nossas vidas. Mesmo uma pessoa que usa um sistema operacional proprietário e uma suíte de programas proprietários, quando acessa sites na internet na maior parte das vezes está fazendo uso de um software livre. O Apache, que é o servidor do site (na maior parte dos casos), o servidor proxy, o navegador, o celular com Android e kernel Linux e em último caso o design que envia serviços para a Gráfica Livre. Esta pessoa está usando software livre e não sabe. ✓

Roberson Carlos Fox

Brasileiro, casado, 27 anos.

roberson@graficalivre.com.br

Formado em Engenharia da Computação no CEFET



Série desenvolvedores

Miklos Vajna



Arquivo pessoal

Tradução: Clóvis Tristão

A próxima entrevista da série, é com Miklos Vajna, colaborador no desenvolvimento de ferramentas e recursos para o LibreOffice, e um estudante bem sucedido no Google Summer Code de 2010. Trabalhou na reformulação e melhoria do filtro de exportação do RTF, e agora assume o risco de responder às nossas perguntas.

★ A programação tem a ver com as pessoas: Então, por favor! Fale um pouco sobre você.

Olá, eu sou Miklos Vajna, em geral, você pode encontrar-me na rede IRC Freenode como vmiklos. Sou húngaro, e amo muito esse país, vivo na Hungria desde quando nasci. Moro em Budapeste, a capital da Hungria, onde aconteceu, em 2010, a OooCon. Sou cristão, e estou completando um mestrado em Engenharia de Computação pela Universidade de Tecnologia e Economia de Budapeste. Ocasionalmente, eu escrevo no blog, sobre os projetos com os quais estou envolvido.

★ Alguma chance de você se lembrar qual foi o seu primeiro programa?

Eu acho que foi a solução de um simples problema de matemática, para um trabalho de escola primária. Foi solucionado no DOS 6.22, com a linguagem de programação Basic, se eu bem me lembro.

★ O que você faz, quando não está 'hackeando' o LibreOffice?

Eu passo um tempo, mantendo a distribuição Frugalware Linux. Em resumo, esta é uma distribuição derivada do Slackware, com um gerenciamento de pacotes baseado em tarball, instalador baseado em *curves* e *sysvinit* (pensamos que, mais cedo ou mais tarde, mudaremos para o *systemd*). Há várias tarefas legais para os *hackers*, lá, e algumas delas são:

Um sistema de empacotamento agradável e simples – o *autotools*, que é baseado no projeto padrão *buildscript* que, completo, possui cerca de 11 linhas.

Dá para aprender muito lá – Eu vim para o LibreOffice através do Frugalware.

Uma comunidade muito legal – toda nossa infraestrutura (Hardware, hospedagem) é doada, nós não somos obrigados a comprar ou pagar nada.

Além disso, constantemente me vejo envolvido em interessantes projetos lá. No passado, eu contribuí para o Git, SWIG e BitlBee, por exemplo. O mais recente projeto, com o qual estou envolvido, é o *rejour*, um gerador estático de blog, baseado em *git+asciidoc*, para programadores.



Miklos Vajna

Tradução: Clóvis Tristão

★ Quando, normalmente, você costuma dedicar mais tempo ao projeto?

Quando tenho um tempo e motivação para isso :-). Isso significa 2 horas entre as aulas na universidade, ou durante finais de semana.

★ Qual seu editor preferido? E Porque?

Eu sou usuário do VIM – Creio que a maioria dos programadores C++, usam Emacs ou VIM, no mundo UNIX, e VIM foi o que eu aprendi com profundidade suficiente para ser produtivo.

★ Como você ficou sabendo sobre o LibreOffice?

Eu estava contribuindo no Go-OO e ele foi mencionado nos tópicos do canal IRC. :)

★ Porque você se envolveu?

Eu empacotava o OpenOffice.org para o Frugalware há anos e, neste ano, fui aceito para trabalhar no programa do GSoc do Go-OO.

★ Qual foi sua primeira contribuição para o LibreOffice?

Os logs do Git apontavam para esse commit. A correção era trivial, para a aplicação de uma correção (*patch*), pelo desenvolvedor, se não estou enganado.

★ Qual foi sua experiência inicial em contribuir para o LibreOffice?

Difícil descrever com palavras – um projeto onde somos motivados a contribuir, como neste caso, onde temos as correções dos problemas, normalmente a gente não fica aborrecido.

★ O que você tem feito desde então?

Como mencionado acima, eu contribuo com o novo filtro de exportação do formato RTF para o Writer. Para entender um pouco, veja o comentário ou as classes não documentadas do *script* de busca.

★ Qual, você acha, foi a sua contribuição mais importante para o LibreOffice?

Sem sombra de dúvidas, foi o filtro de exportação do RTF. Os outros são pequenas contribuições realizadas em poucas horas.

★ Como isso vai melhorar as coisas para os usuários?

Existe um blogpost sobre isso: por exemplo, como as expressões matemáticas e os desenhos são exportados em RTF.

★ Qual sua visão para o futuro e/ou o que você mais gostaria de ver melhorado?

Quando as pessoas ouvem falar do OpenOffice.org/LibreOffice, na minha experiência, elas, geralmente, se queixam sobre a interoperabilidade com o MSO. Meu trabalho no filtro de RTF foi uma melhoria nessa área: há ainda muita coisa pra se fazer.

★ O que você faz de interessante quando não está escrevendo código?

Eu prefiro andar de bicicleta, ao invés do transporte público ou carro, durante o ano. Eu toco guitarra na banda da igreja cristã, nos finais de semana.

★ Isto é muito interessante! Qual o tipo de música que vocês tocam? Existe um website com suas produções?

Muitas das músicas que nos tocamos são de autoria de outros músicos húngaros cristãos da Igreja. Temos um CD com nossas próprias canções, mas eu apenas toco guitarra e canto – Não sou um compositor de músicas. Quanto ao website, não existe nada – o escopo de nossa banda é servir à igreja, e nós nos encontramos duas vezes por semana. Uma simples lista de discussão é suficiente. Entretanto, o conteúdo do CD pode ser acessado livremente aqui. Se você for escolher alguma coisa, eu recomendo a décima oitava música.

Naturalmente nossos leitores podem tentar dar uma olhada e aprender húngaro :-).

Miklos, agradecemos por compartilhar conosco, e desejamos um bom 'hacking' com o LibreOffice.

Fonte: <http://blog.documentfoundation.org/2010/12/08/74/>





Programa Municipal de Tecnologia na Educação

coloca Sumaré no centro da revolução digital

Por Luiz Oliveira

A cidade de Sumaré pretende abandonar de vez o rótulo de “cidade dormitório”, estigma que a acompanha desde a década de 1980.

Neste período seu crescimento populacional chegou a atingir 12% ao ano, gerando problemas estruturais que marcaram a história da cidade negativamente, como falta d'água, déficit habitacional e violência desenfreada.

Nessa época os migrantes vinham, principalmente do Nordeste, do Norte e do Paraná para conseguir melhores condições de vida não só em Sumaré, mas também em cidades próximas como Campinas, Americana e Piracicaba. Mas, de lá para cá muita coisa mudou e a cidade tornou-se um dos maiores polos industriais do estado de São Paulo, com mais de oito mil empresas. Estima-se que Sumaré tenha hoje mais de 250 mil habitantes.

Para selar essa nova fase, o atual prefeito da cidade, em segundo mandato, José Antonio Bacchim (PT), iniciou um audacioso “**Programa Municipal de Tecnologia**” começando pela Secretaria Municipal da Educação. Implantou, assim, salas de informática em todas as escolas de ensino fundamental, adquiriu lousas digitais, comprou mil *notebooks* que serão, gradativamente, entregues a professores e coordenadores da rede de ensino em regime de comodato e vai substituir os equipamentos obsoletos. Além disso, instituiu a “**Caravana Virtual**”, um ônibus equipado com catorze computadores, com rampa de acesso, utilizado de maneira itinerante nas 26 escolas municipais (EMs), atendendo cerca de 25 mil alunos da rede municipal e os alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos).



Programa Municipal de Tecnologia na Educação coloca Sumaré-SP no centro da revolução digital | Luiz Oliveira

Somando-se a todas essas iniciativas, pais, alunos, professores e funcionários da rede municipal de Sumaré passaram a contar também com um boletim escolar eletrônico. Com o Boletim Virtual, alunos dos ensinos Fundamental e Médio das EMS sumareenses e os pais dos alunos matriculados na rede municipal poderão acompanhar pela internet as notas e imprimir os Boletins Escolares. Os pais recebem uma senha e a partir daí podem acompanhar pelo computador a vida escolar de alunos que estiverem sob as suas responsabilidades.



“ A meta é expandir e garantir a inclusão digital na cidade por meio da Secretaria de Educação, inicialmente. ”

Segundo o prefeito, “a meta é expandir e garantir a inclusão digital na cidade por meio da Secretaria de Educação, inicialmente.” Salaria ainda que a cidade já possui a **Casa Brasil**, um local dedicado ao trabalho de inclusão digital, com cursos profissionalizantes, que abrange desde o uso de programas como editores de texto e de planilhas até a montagem e manutenção de computadores. “Sem dúvida um grande ganho para os jovens da nossa cidade”, comemora o prefeito Bacchim.

Lousas Digitais

Por mais que haja resistência, ela veio para ficar. Estamos falando da tecnologia com todas as suas ferramentas. Quem imaginou que um dia fosse possível que os professores abandonassem de vez o giz e o quadro negro? Pois essa é a nova realidade dos mestres da rede municipal de educação de Sumaré.



A implantação das lousas digitais no município começou com um projeto piloto. Foram adquiridas quatro lousas com um investimento inicial no valor de 80 mil reais, instaladas nas escolas José de Anchieta, Antonio Palioto e Nilza Thomazini. A quarta lousa foi instalada no Centro de Formação dos Profissionais de Educação. Hoje esse número aumentou para 44 lousas. A ideia é que toda escola municipal na cidade possua pelo menos uma lousa digital e no futuro todas as antigas lousas sejam substituídas.

Mas o que é uma lousa digital? Trata-se de uma tela de toque conectada a um computador. Para controlar os diversos aplicativos disponíveis, uma caneta especial, um teclado virtual ou até mesmo os dedos são utilizados. Tudo o que se pensar em termos de recursos de um computador, de multimídia, simulação de imagens e navegação na internet é possível com ela. Ou seja, funciona como um computador, mas com uma tela melhor e maior. De acordo com o Secretário de Educação, João José Haddad Araújo, com o equipamento “pode-se escrever ou desenhar diretamente sobre a informação mostrada na tela, acrescentar comentários e destacar dados. Além de abolir o giz em nossa rede municipal o velho apagador também está com os dias contados”, diz o secretário.



Programa Municipal de Tecnologia na Educação coloca Sumaré-SP no centro da revolução digital | Luiz Oliveira



As possibilidades de uso de uma lousa digital são infinitas. O professor pode, por exemplo, preparar apresentações no BrOffice Impress, e complementar com links de sites. Durante a exibição de conteúdo em sala de aula, é possível, enquanto se faz a apresentação, navegar na internet com os estudantes. O professor pode ainda criar ou utilizar jogos e atividades interativas, contando com a participação dos alunos, que se dirigem até a lousa e escrevem nela por meio de um teclado virtual.

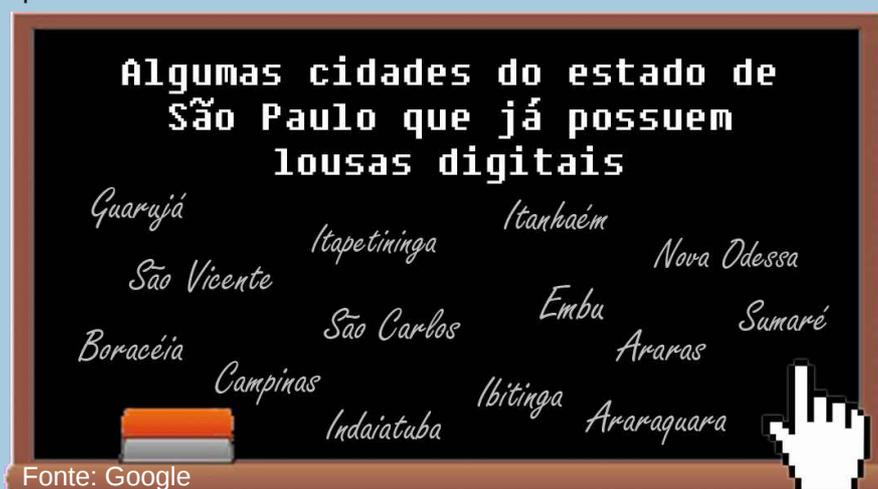
Com a lousa digital, o ensino de geografia ganhou um importante aliado tecnológico. Agora o professor pode mostrar os mapas feitos por satélite e disponíveis em sites como o Google Maps ou Google Earth diretamente na lousa. Pode ainda mostrar imagens e vídeos atuais com o objetivo de destacar as diferenças regionais entre países ricos e pobres, por exemplo. Na disciplina de ciências, para citar mais um exemplo no campo das possibilidades e recursos disponíveis, o professor pode preparar suas aulas em três dimensões para apresentar o corpo humano.

Como estamos falando praticamente de um computador, nada do que é feito na lousa digital se perde. É possível salvar a aula etapa por etapa, a cada contribuição do professor ou dos alunos. Essas aulas podem ser arquivadas para sempre e compartilhadas com os estudantes através de mensagem eletrônica ou servidores disponíveis na grande rede.

O acesso à internet, disponível na lousa digital, é um dos recursos mais atrativos para os professores e alunos. Ao clicar no ícone do navegador da web, o professor poderá abrir sua página pessoal, acessar documentos previamente deixados na nuvem, fazer seu diário de classe online ou acessar seus e-mails. “As lousas digitais tornarão as aulas mais atraentes e facilitarão a vida do aluno e do professor”, prevê o secretário de educação de Sumaré.

Os novos equipamentos foram recebidos com muita euforia nas escolas. Os professores estão se adaptando e aos poucos começam a entender que os recursos são infinitos e que o limite é a criatividade. Na opinião do Diretor de Apoio ao Educando, Manoel Antonio da Silva, que também é professor de português na rede estadual de ensino, o interesse das crianças pelas aulas que utilizam as lousas digitais é nitidamente maior. “A meta do prefeito Bacchim é implantar o equipamento em todas as salas de 5ª a 8ª séries até 2012”, diz o professor Manoel.

“As lousas digitais tornarão as aulas mais atraentes e facilitarão a vida do aluno e do professor”, prevê o Secretário de Educação de Sumaré.”





Programa Municipal de Tecnologia na Educação coloca Sumaré-SP no centro da revolução digital | Luiz Oliveira

Caravana Virtual

Um ônibus equipado com 14 computadores para aprendizado de informática. Essa é a definição direta e objetiva para o projeto Caravana Virtual. Segundo o secretário municipal de Educação João José Haddad Araújo, o veículo é utilizado de maneira itinerante nas 26 Escolas Municipais (EMs), atendendo todos os 25 mil alunos da rede municipal, inclusive os da Educação de Jovens e Adultos (EJA). As ações prioritárias serão com 9 mil crianças que fazem os Jardins I e II e o primeiro ano do Ensino Fundamental.



O ônibus é dotado de rampa de acessibilidade e os computadores possuem vários programas educacionais. Segundo o secretário, o Ônibus de Inclusão Digital é mais um passo que a administração sumareense dá no Programa Municipal de Tecnologia na Educação.

Em um primeiro momento, a Caravana Virtual tem a finalidade de realizar a inclusão digital junto as crianças das escolas infantis. “Em nossa óptica, esse contato se faz importante para que a criança já comece a ter os primeiros passos na informática de forma didática. Por onde passa, o projeto da Caravana se torna um acontecimento, chamando a atenção dos jovens”, explica o prefeito Bacchim. O trabalho do ônibus de inclusão pode também beneficiar outros alunos, inclusive da Educação de Jovens e Adultos, conhecido como EJA dando assim, oportunidade de inclusão digital a 100% dos cerca de 25 mil alunos da rede municipal.

Mil Notebooks

Recentemente houve um debate intenso acerca de um projeto do governo do Estado do Rio Grande do Sul que envolvia a aquisição de *notebooks* pelos professores daquele estado. A comunidade de *Software Livre* se posicionou a favor do projeto mas questionou a legalidade da licitação devido à exigência de *softwares* proprietários. No caso do Rio Grande do Sul os *laptops* seriam adquiridos livremente pelos professores que pagariam pequenas parcelas através de financiamento bancário.

Na cidade de Sumaré o prefeito resolveu fazer diferente. Comprou mil notebooks para disponibilizar para professores e coordenadores a partir do primeiro semestre deste ano. Os equipamentos são patrimônios do município, os profissionais da Educação os utilizarão numa espécie de consignação, enquanto prestarem serviços na rede municipal de ensino. “Os notebooks vieram preencher uma lacuna. Embora a maioria dos professores tenham computadores em casa, o fator mobilidade é fundamental na rotina agitada desses profissionais”, explicou o Professor Manoel Antonio da Silva. “Qualquer momento de intervalo pode ser utilizado para escrever os diários de classe, para fazer planejamentos, interagir com outros professores e até mesmo pesquisar novos temas para abordagem em sala de aula através da internet”, complementa. “Todas essas inovações devem provocar um salto ainda maior na qualidade de ensino na rede municipal”, acredita o prefeito Bacchim.



Programa Municipal de Tecnologia na Educação coloca Sumaré-SP no centro da revolução digital | Luiz Oliveira

Sobre eventuais problemas nos equipamentos, o prefeito explica que os *laptops* serão entregues em consignação, ou seja, enquanto o professor ou coordenador estiver trabalhando na rede o computador ficará com ele. Perdas ou danos serão sempre tratados de forma pontual pela Secretaria de Educação. “O professor terá o dever de zelar pelo equipamento”, alerta o prefeito.

Sobre ampliação da Inclusão Digital na cidade

Todas as escolas de ensino fundamental já contam com salas de informática, inclusive as escolas localizadas no Assentamento Rural 2 e nas Chácaras Cruzeiro do Sul - regiões mais afastadas do centro. O prefeito explica que implantou salas de informática em todas as 14 unidades dos Centros Regionais de Assistência Social de Sumaré. “O trabalho de inclusão digital é muito importante e nossa meta é expandir e garantir essa importante ferramenta de trabalho e de educação”, diz. O município criou, em parceria com o Governo Federal, a Casa Brasil, um local dedicado ao trabalho de inclusão digital, com cursos de informática e de hardware, que são cursos profissionalizantes de montagem e manutenção de computadores. “Sem dúvida um grande ganho para os jovens da nossa cidade”, comemora o prefeito.

Sobre estrutura de banda larga na cidade e acesso gratuito à internet, o prefeito Bacchim afirma que existem alguns Projetos de Cidade Digital que vêm sendo objeto de discussão e estudo pela Secretaria de Planejamento. “Não pouparemos esforços para que possamos celebrar convênio com o Governo Federal e, quem sabe, promover a implantação da banda larga gratuita em toda a cidade. Este, sem dúvida, é um importante projeto a ser conquistado”, conclui.

“O trabalho de inclusão digital é muito importante e nossa meta é expandir e garantir essa importante ferramenta de trabalho e de educação.”

Vantagens e desvantagens no uso da tecnologia da informação na educação

Os laboratórios de informática instalados nas escolas colaboram com o desenvolvimento da autonomia das crianças no uso dos computadores. Estes configuram-se como mediadores no processo de aprendizagem na escola. Esta é a opinião da especialista, Natalina Farias, Mestre em Educação pela Unicamp, Coordenadora Pedagógica na Secretaria de Educação de Hortolândia, SP. “Além de um recurso, as TICS (Tecnologias de Informação e Comunicação), são uma oportunidade para o desenvolvimento da construção de conhecimentos possíveis. Para tanto é preciso a parceria da comunidade e órgãos do governo”, diz a especialista. Ainda segundo Natalina Farias, “a realidade nas escolas mostra que hoje temos muitas pessoas excluídas desse processo. Temos professores considerados excluídos digitais”, revela.

A saída para essa exclusão, nas palavras da especialista é que “o projeto político pedagógico precisa apostar na inclusão digital para que o recurso ultrapasse o conceito de recurso, se tornando conteúdo fundamental na formação das pessoas”, conclui.

Em artigo publicado na Revista Millenium sobre as vantagens e desvantagens do uso da tecnologia nas salas de aulas, a conclusão de Alessandro Marco Rosini, Mestre em Administração de Empresas e Doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUCSP e Consultor em Tecnologia e Sistemas de Informação, é que não devemos nos esquecer dos computadores na educação em pleno término do século vinte, mesmo com todas as críticas e senões apontados por especialistas da área. Alessandro Rosini acredita que devemos participar deste avanço tecnológico com a sociedade em geral e também utilizando essas tecnologias com as crianças.

Adverte o especialista, no entanto, que a utilização deste equipamento (computador) não deve, em hipótese alguma, ser utilizado como um fim em si mesmo, mas como uma ferramenta auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, despertando desta maneira algum tipo de interesse maior na questão do conhecimento.



Uso de computadores com alunos

Vantagens

- ✓ Despertar da curiosidade;
- ✓ Aumento da criatividade, principalmente nos casos de utilização no auxílio á aprendizagem de crianças deficientes, até então realizada de uma forma não tão eficaz, como é o caso de programas utilizados pela prefeitura da cidade de São Paulo, na gestão de 1992;
- ✓ Ferramenta poderosa como auxílio no aprendizado, como por exemplo a utilização de softwares educacionais (multimídia);
- ✓ Produtividade maior em relação ao tempo necessário ao estudo propriamente dito;
- ✓ Necessidade de treinamento contínuo, para o acompanhamento tecnológico.

Desvantagens

- x Falta de preparo dos próprios educadores e educandos;
- x Influências negativas causadas pela utilização de técnicas relacionadas com a tecnologia (computadores), ou seja, a utilização excessiva das máquinas e se realmente a utilização da tecnologia (computadores) significará um efetivo aperfeiçoamento do ensino no país. Neste caso comenta-se a eficácia da viabilização de projetos computacionais internamente nas instituições de ensino.

Referências

- <http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/planejamento/como-funciona-lousa-digital-tecnologia-501324.shtml>
- <http://www.sumare.sp.gov.br>
- <http://www.ipv.pt/millenium/millenium27/15.htm>, acessado em 02/03/2011 ✓

Enfrentando problemas com hortografia?



O Writer tem tudo que você esperaria de um moderno e totalmente equipado processador de texto ou editoração eletrônica: características poderosas como: Autoformatação, Estilos e Formatação, quadros de texto e links, tabelas de conteúdo, indexação, referências bibliográficas, ilustrações, tabelas, fórmulas matemáticas e outros objetos. O Writer é simples o suficiente para uma nota rápida, potente e estável o suficiente para criar livros completos, com muitos elementos gráficos, títulos etc.



BrOffice
The Document Foundation



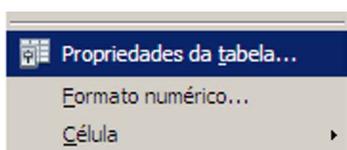
Trabalhando com títulos em tabelas no Writer

Por Cícero Pinho Rocha

Quem trabalha, diretamente, com o BrOffice Writer, um dia precisou usar tabelas e, diga-se de passagem, para algumas pessoas, isto é muito difícil de se utilizar.

E, quando estamos trabalhando com relatórios, nos quais uma tabela passa a ter várias páginas, fica difícil visualizar o que inserir em cada coluna. Sendo assim, na 2ª página, como saber qual o título das colunas da tabela, se o título fica no topo da tabela, na primeira página? Como resolver este problema? Vamos seguir os passos abaixo:

- 1 - Estando com a tabela preenchida ou não, clique com o botão direito do mouse na primeira linha da tabela, na segunda página;
- 2 - No menu que aparece, clique sobre a opção "Propriedades da tabela";



- 3 - Na tela que aparece, localize a opção "Fluxo do texto > Repetir Título", e depois clique em "ok".

A imagem abaixo mostra o resultado:

LISTA			
Nº	PRODUTOS	PREÇO	TOTAL

Primeira página

Nº	PRODUTOS	PREÇO	TOTAL

Demais páginas

Importante

Tudo o que você modificar no título da primeira página, será modificado nos demais títulos. ✓



Domibrez

Formatação automática de tabelas

Por Fátima Conti

Há esquemas pré-definidos que possibilitam a formatação automática de tabelas com fonte, alinhamento, cores e tamanhos já escolhidos. Esses esquemas poupam muito trabalho, pois evitam a aplicação manual de efeitos, alinhamentos e espaçamentos, um por um, em separado.

No Writer, basta ir em **Tabela > Autoformatar**. É possível também aplicar a formatação automática na criação da tabela. Para isto, após ir em **Tabela > Inserir**, deve-se clicar em **Autoformatar...** na janela que abrirá.



Na janela de Autoformatação, à esquerda, são exibidos os formatos disponíveis e, à direita, uma pré-visualização do aspecto que a tabela terá. Basta clicar sobre cada formato e ele será imediatamente aplicado à tabela.

Botão "Mais"

A janela que aparece por padrão não está inteira. Na figura acima foi clicado o botão "Mais", que mostrou todas as opções que serão modificadas ao aplicar o esquema escolhido. Manter ou não marcado cada um dos diversos campos, permitirá escolher quais formatos serão efetivamente aplicados à tabela.

No exemplo dado, se não for desejado que o conteúdo fique à direita em cada célula, por exemplo, é só retirar a marca referente a "Alinhamento".

Dica

Mesmo após aplicar um esquema, pode-se modificar algum pormenor, se desejar, formatando-o manualmente. ✓

Década de 1990, quando a Magia volta à Terra, trazendo caos. Redblade narra a jornada de um grupo de aventureiros por países devastados. A história acontece no mesmo mundo que Marfim Cobra e Jasmim, romances do mesmo autor, mas tem uma abordagem diferente...

REDBLADE

Episódio 09: Mais do Mesmo

Por Cárliston Galdino

Jörg dispara flechas em alguns mortos-vivos espalhados. Eles se dispersam um pouco após inflamarem. Richard já veio para junto de nós e, no clímax da ação do fogo, nós corremos, com Richard abrindo caminho. É bem mais fácil assim. Os zumbis parecem não saber o que está havendo, parecem estar desnorteados. O cheiro é que fica ainda mais desagradável.

Após dois quarteirões, parece que há menos zumbis, bem poucos.

- E agora?

- Estou cansado. - O professor reclama. - Mas, temos de prosseguir.

- Por onde?

- Continuamos por aqui, que é para longe da catedral, ou seja, mais perto do lado de fora da cidade. Havemos de encontrar algum automóvel abandonado, mais à frente.

- Tomara...

Jörg só tem mais duas flechas, e isso é mal. Agora, que parece ter encontrado uma utilidade para suas habilidades com o arco, é que as flechas se acabam. E, ora, não vivemos em um mundo de guerreiros e dragões. Não se acha flechas em qualquer loja de armas. Não se acha nem lojas de armas. Ou estou enganado?

Viramos a esquina, nos afastando ainda mais da catedral. Há muitos mortos nessa rua e todos reduzimos o passo, instintivamente. Corpos, roupas rasgadas... Vidros quebrados... Aqui, parece que a bagunça foi mais séria. No chão, amassado, um jornal. Eu o pego.

REDBLADE

Um labirinto novo

O velho problema

A Igreja nos olha

Pra variar a cena

De novo na mesma

Fugindo e lutando.

Zumbis sem ter fim

Zumbis, até quando?

REDBLADE - Episódio 09: Mais do mesmo

Por Carlisson Galdino

De alguns dias atrás. A foto parece daqui mesmo. Uma praça com tudo destruído. Fala sobre destruição, mas não fala de mortos-vivos. Há sangue espalhado e pedaços de corpos, ao invés de corpos inteiros sem vida. Parece um outro lugar...

- Fábio! Estás louco?

- Professor?

Olho à volta. Tudo do mesmo jeito e continuamos caminhando. O professor vinha se afastando de um pequeno carro estacionado. Provavelmente estava fechado.

- Isso lá é hora de ler jornal? Atenção, que ainda estamos em altíssimo risco!

De certo modo tem razão. Seguimos. Alguns zumbis aparecem mais à frente, mas não nos preocupam mais do que a própria cidade em si. Logo, eles caem, feridos pela espada translúcida de Richard.

Translúcida... É realmente interessante. É como se ela fosse de quartzo, mas ela se comporta como se fosse de metal. Ela faz barulho como se fosse de metal. De que ela é realmente? Não faço a menor ideia...

- Professor! - Aponto para o posto de gasolina mais adiante!

- Ótimo! Vamos até lá!

Contando apenas com Richard, chegamos até o posto sem muita dificuldade, apesar de ter levado algum tempo. A cada passo, é mais e mais forte o cheiro de gasolina.

Caos à volta. Um carro dentro de um ônibus, se vê bem perto, por uma das ruas dali. Quase não há carros. Há um caminhão batido no prédio do posto. A porta aberta e não há ninguém. Um caminhão-baú.

- O que faremos... Vamos! Procurem um carro! We need a car! - O professor grita e gesticula, então nos separamos, sem nos perder uns aos outros de vista.

O baú está entreaberto. Vem uma certa curiosidade sobre o que pode estar lá dentro, mas depois dos últimos acontecimentos, prefiro passar a dois metros daquela porta, a chegar perto e ver o que tem dentro. Do outro lado do caminhão, há um carro conversível. Um azul quase escuro e pouco brilhoso. A chave está lá.

- Professor!

- Que há, Fábio?

Encontrei um carro! Não sei se há como tirar daqui. Ele, por sorte, não foi esmagado pelo caminhão e parece intacto!

- Vejamos.

O professor corre até ele e entra. A chave liga.

- Ainda tem combustível. - Fala, olhando logo em volta em seguida. - Como se fosse um problema... Agora, temos que dar um jeito de tirá-lo daqui.

Afastamo-nos os três, e deixamos somente o professor dentro do carro. Jörg fica num extremo do posto observando ao redor, como um sentinela, e Richard parte para longe do posto, derrubando mais zumbis para abrir caminho. Eu fico por perto, tentando orientar o professor nas manobras.

Esse caminhão-baú me inquieta, não sei porque.

- Está quase! Cuidado com o caminhão... Pronto!

Finalmente, o carro sai. Subimos, e vamos na mesma sequência de antes. Primeiro o Jörg, depois o Richard, no meio do caminho. E vamos embora dessa nova cidade maldita.

Pelo menos, agora posso folhear o jornal.

Carlisson Galdino: Bacharel em Ciência da Computação e pós-graduado em Produção de Software com Ênfase em Software Livre. Membro da Academia Arapiraquense de Letras e Artes, e autor do Cordel do Software Livre, do Cordel do GNU/Linux, do Cordel do BrOffice e do Cordel da Pirataria. Líder, vocalista e baixista da banda Infinnita. <http://bardo.cyaneus.net> ✓





Entrevista: Carlisson Galdino



Arquivo pessoal

Por Luiz Oliveira

1 - Me fale um pouco sobre você: formação, idade, onde mora, gostos, etc:

Bem, eu sou de Arapiraca, segunda maior cidade de Alagoas, terra dos Marechais. Estima-se que tenha cerca de 200 mil habitantes, mas a cidade tem crescido um absurdo nos últimos anos... Tenho 29 anos e, após me formar e trabalhar por alguns anos em Maceió (totalizando cerca de dez anos), terminei voltando a morar na minha terra natal.

Sou formado em Ciência da Computação e, desde muito tempo, eu escrevo. Sempre houve quem se espantasse com essa combinação: "Como você gosta de computação e de escrever? São duas coisas tão diferentes! Uma é matemática e outra é literatura/português!" O que essas pessoas não percebem é que em Ciência da Computação se encontra, além da área meramente técnica, espaço praquilo(sic) que une todos os artistas: criação. Eu escolhi computação porque me fascinava a ideia de poder criar algo assim do nada. É meio místico, meio artístico. Não é muito diferente de escrever uma história: você usa a linguagem para criar algo especial. E eu sempre gostei de criar.

Era muito rígido com a questão legal das coisas. Lembro que quando cursava Computação na UFAL o único

software que instalei ilegalmente em computador pessoal foi por exigência de um professor, para criação de trabalho para a disciplina por ele ministrada. Eu pensava "se eu não respeito o *copyright* dos programas que uso, com que direito poderei exigir que respeitem meu *copyright* no futuro?" Mas isso foi antes de conhecer o Software Livre. Desde o primeiro contato com o conceito de Software Livre, eu entendi que era assim que as coisas realmente deveriam ser.

Particpei do primeiro grupo de AD&D[1] da minha cidade, o que foi bem interessante. Já na Poesia e nos Romances e Novelas, terminei entrando na Música (que sempre gostei, mas nunca tinha dado passos em sua direção) e, mais recentemente, no Teatro.

Hoje tenho pós-graduação em Produção de Software com Ênfase em Software Livre, pela UFAL (Lavras-MG) e sou Analista de Tecnologia na UFAL - Campus Arapiraca. Também sou sócio efetivo da Academia Arapiraquense de Letras e Artes, líder da banda Infinita e estou na Companhia Teatral PEPI. Mais recentemente, fundamos o Grupo de Usuários de Software Livre de Arapiraca, GUSLA, que venho guiando.

Entrevista: Carlisson Galdino

Por Luiz Oliveira

2 - Como começou a colaborar com a Revista BrOffice.org, antes Zine? Sabia que esse ano a Revista completa cinco anos?

Não sabia! O tempo passa muito rápido, não é mesmo? Parabéns a toda a comunidade BrOffice.org, da revista principalmente (que é o que se comemorará), mas não apenas.

Há uns cinco anos então, eu frequentava o servidor de IRC Freenode. Mais frequentemente o Mozilla Brasil. Foi nessa época que conheci muita gente bacana, incluindo o Cláudio Ferreira Filho.

Um dia, resolvi fazer um evento online para divulgar o XUL (linguagem de definição de janelas - *widgets*, para os íntimos - criada pela Mozilla e utilizada em todos os seus produtos). Era a Semana Azul. Nela fiz algumas entrevistas, incluindo a do Cláudio. Devo abrir um parêntese para dizer o quanto passei a admirar ainda mais essa grande figura do Software Livre nacional.

Tempos depois, resolveram criar a Zine e me chamaram (creio que o próprio Cláudio, mas minha memória não é

exatamente confiável) para entrevistar personalidades da comunidade nacional do BrOffice.org. E assim fiz algumas entrevistas, as primeiras da revista, e então terminei me afastando.

Até que, no final de 2009, fui chamado a participar da revista novamente, desta vez visando a um toque artístico. Ainda tenho alguns dos primeiros e-mails. O convite foi feito por você mesmo, não é Luiz? E também por Marcus Silva, segundo meus registros. Então, pensei em publicar a série *Redblade*, que tinha planos de escrever mas estava na gaveta. E voltei a contribuir com a revista.

3 - Em quantos projetos está envolvido atualmente?

Artisticamente, ligado a Software Livre, dois: a Revista Espírito Livre, onde publico a história Warning Zone, e a Revista BrOffice.org, com Redblade. Em termos de divulgação, nós do GUSLA estamos tentando realizar o I ESCLA, Encontro de Software e Cultura Livre de Arapiraca, que ocorrerá em torno do FLISOL.

Em código-fonte, terminei me afastando muito. Já tive muitos pequenos projetos e já fiz algumas contribuições por aí. Atualmente mantenho o CyanCD e o Rook's Backpack[2].

4 - Sobre o CyanCD. Fale tudo. História, necessidades e como está o projeto atualmente:

Após vários pequenos projetos (<yber Edi+or, IaraJS, Enciclopédia Omega, Academia Código Livre, ...), terminou acontecendo algumas coisas. Primeiro, o tempo para codificar foi ficando cada vez mais escasso. É mais difícil, para mim, investir fragmentos de tempo em programação do que em escrita geral. E fragmentos de tempo é a forma como mais costumo trabalhar. Sim, vocês podem achar engraçado, mas eu uso Round Robin[3] para organizar a minha vida. Segundo, aprendi que não compensa criar softwares novos e mirabolantes



Galdino e Cláudio Filho – Coordenador do BrOffice.org



Entrevista: Carlisson Galdino

Por Luiz Oliveira

para resolver problemas de outros. Se quiser criar um programa (a menos que seja algo incentivado por um metaprojeto), prefira criar algo do qual você próprio vai ser usuário e se beneficiar! Essa regra eu aprendi com a vida e sigo à risca hoje em dia. Assim, se ninguém usar seu programa, pelo menos você próprio usa.

O CyanCD nasceu quando o Campus Arapiraca da UFAL foi inaugurado. O pessoal do NTI - Núcleo de Tecnologia da Informação - de Maceió veio com um CD com os programas que instalaríamos nas máquinas recém-adquiridas. Até porque não havia ainda nem sombra de Internet por aqui. Eu terminei atualizando o CD com as versões mais novas dos programas que ali estavam (e mudando um pouco a seleção), dando origem ao NTI-CD.

Por conta de já haver um projeto chamado NTI-CD, terminei adotando um novo nome, que ficou sendo CyanCD. Ele traz uma distribuição GNU/Linux *Live* e um bocado de softwares para Windows cujas licenças permitam redistribuição. Pelo menos era assim até a versão 10.11. As exceções foram as versões do CyanCD feitas especialmente para o FLISOL 2009 e o FLISOL 2010 - estas continham apenas Software Livre.

A partir da versão 11.1, entretanto, o CyanCD traz só softwares livres. Infelizmente, o Puppy Linux (Live CD que vem junto) não traz o BrOffice.org, mas o BrOffice.org para Windows tem cadeira cativa no CD. Atualmente é liberado bimestralmente e é utilizado para nos ajudar a manter as máquinas do Campus Arapiraca atualizadas.

5- Sobre o Rook's Backpack: O que é? Qual o objetivo?

Backpack é como os gringos chamam mochila, certo? Eu faço do meu pendrive uma mochila, ao invés de confiar nas nuvens. Então escrevi um pequeno programa que me ajuda a criar os links simbólicos de que preciso e fazer backup seletivo do pendrive daquilo que realmente importa.

O projeto se chamaria Backpack, mas já existia um com

esse nome, então terminei tentando algo novo. Criei-o como Rook's Backpack e comecei a escrever uma história que tem a ver com o nome. Um confronto dos Black Rook Backpackers com os Whitejays, uma história de magia contemporânea contra alta tecnologia. A história está sendo escrita (modo de dizer, viu? Faz semanas que não escrevo nada) no *subversion* do projeto, lá no *SourceForge*. O software em si está sendo escrito em Python.

6 - Como concebeu o Redblade?

Um dos frutos da minha vida "RPGística" foi a criação do cenário Ases (criei outros cenários também). Nele, temos a volta da magia à Terra contemporânea, com deuses e complicações. Esta ambientação já foi utilizada para o romance Marfim Cobra e a novela Jasmim, ambos disponíveis no meu site. Marfim Cobra é uma história de paladinos não convencionais, meio que uma história de heróis. Jasmim retrata uma heroína (ou seria uma anti-heroína?) num clima mais denso, com confrontos internos e externos. Já Redblade utiliza o mesmo cenário, mas tinha uma proposta diferente.

Redblade é um dos nomes pelo qual é conhecida uma certa arma mágica de poder peculiar: seu portador nunca erra um golpe. E a proposta da história é retratar um grupo de aventureiros tal qual os tradicionais, porém no mundo de Ases, percorrendo uma Europa devastada pelas forças do deus Fimiq. A proposta é muito antiga, mas só começou a se concretizar graças à Revista BrOffice.org (senão ainda hoje estaria na gaveta).

Nela, podemos ver Richard, o britânico "predestinado" a ser portador da Redblade; Jörg, um alemão, arqueiro de competição; o professor português Álvaro; e o poeta brasileiro Fábio, que é quem narra a história. Estou tentando dar características bem próprias ao estilo de Fábio. Vocês podem acompanhar Redblade todos os meses na Revista BrOffice.org. Quem pegou o bonde andando, pode ler o primeiro episódio na edição 10 da revista e então vir baixando as edições seguintes

Entrevista: Carlisson Galdino

Por Luiz Oliveira

(e aproveitando e dando uma passeada pelos artigos da Revista). Atenção para o ótimo trabalho de diagramação das páginas dos episódios. Está muito bonito mesmo! (não fui eu que fiz, mas quem faz está de parabéns")

7 - Acha que Inclusão Digital melhora a educação no país?

É um tema polêmico. Acesso à televisão e ao cinema melhoram a educação? Acesso à música melhora a educação? Se as pessoas pudessem entrar numa banca de revistas e levarem o que quisessem, melhoraria a educação? Nem sempre as respostas são tão simples. A Inclusão Digital é um tanto estranha quando a gente pensa que essas pessoas que estão sendo incluídas digitalmente também são excluídas socialmente. Há crianças que sabem encontrar todos os programas do computador e nem saber ler. Outros que só escrevem e leem na "linguagem de MSN" e, no fim, só usam MSN e Orkut. Melhora a educação?

Não acredito que a Inclusão Digital melhore substancialmente a educação, porém ela abre portas para os excluídos que se dão conta disso. E é realmente capaz de mudar vidas. E, mesmo que não melhore significativamente a educação em alguns casos, a Inclusão Digital inclui pessoas. Hoje vivemos em dois mundos sobrepostos: o mundo real e o virtual. Um frequentemente ajuda o outro. E, claro, tem que haver sim Inclusão Digital! É muito bonito quando podemos ver alguém que conseguiu mudar sua própria realidade graças a isso. E uma Inclusão Digital bem planejada pode desencadear essa transformação em mais pessoas.

O que acho curioso, no fim das contas, é que justo hoje, quando temos estrutura para "refazermos Alexandria", quando há acesso a um mundo infundável de conhecimentos de todas as áreas, em todas as línguas, justo hoje as pessoas não querem saber de adquirir conhecimentos. Uma trágica ironia.

8 - E o software livre, acha uma opção viável para Inclusão Digital?

Pode parecer radical, mas eu sou do clube que acredita que Inclusão Digital com Software Privativo não é uma Inclusão Digital, mas um adestramento de fomentadores para enriquecimento ainda maior de certos fabricantes de software.

Inclusão Digital tem que ser feita com Software Livre. É a velha ladainha: você está excluído economicamente, digitalmente, "tudamente", e aprende a utilizar o computador com Software Privativo. Finalmente pode comprar um e o que acontece? Você não pode comprar o Software Privativo! Então recorre à pirataria informática.

Para que favorecer empresas que se apropriam de conhecimentos, quando temos algo que é nosso? "Casa de ferreiro, o espeto é de pau"?

9 - Qual a sua expectativa em relação ao LibreOffice e The Document Foundation?

Muito me animou a notícia. Não é de hoje que contribuições não são aceitas pelos mantenedores do OpenOffice.org, forçando a comunidade a juntar *patches* alternativos (que terminam sendo aplicados nas distribuições). A coisa só foi piorando com a compra pela Oracle.

É também uma lição para todos, não apenas empresas. É o que aconteceu também com o Twiki, que gerou o FosWiki, por exemplo. Você como mantenedor de um projeto de Software Livre, está num cargo representativo, você não é um Rei. O software já é de todos e todos estão em torno de você por confiar em você. Se você não tem postura e respeito com sua comunidade, é isso o que acontece: a comunidade se afasta de você e busca seu próprio caminho.

Entrevista: Carlisson Galdino

Por Luiz Oliveira

Não tardará para o LibreOffice crescer muito mais que o OpenOffice.org. Isso vai revigorar o projeto e, no caso de nós brasileiros, até o efeito negativo que seria a confusão com a mudança da marca passará despercebido, já que o LibreOffice ficará para nós escondido sob a marca BrOffice.

10 - Você gosta de Cordel e até fez um para o BrOffice. Explique o que é esse estilo de literatura.

O cordel é uma tradição que herdamos de Portugal e que terminamos dando uma cara própria nossa. O nome é este porque tradicionalmente os livretos eram vendidos em feiras, pendurados em barbantes (ou cordões, ou cordéis). São ricas e compridas poesias populares. Seria esta a definição mais curta.

Pessoal de outros estados talvez não tenham tanto contato com o cordel, que parece ser algo muito da cultura nordestina.

Eu já havia escrito poesias que fazem as vezes de cordéis, mas não havia me dado conta ainda. O primeiro cordel que escrevi, como cordel, foi ao voltar do primeiro Encontro Nordestino de Software Livre, em João Pessoa. Foi o Cordel do Software Livre. Foi o Cláudio que me deu a sugestão na época, quando eu procurava um tema para um novo cordel. “Por que não faz um para o BrOffice.org?” Pensei a respeito e terminei escrevendo. Hoje tenho quinze cordéis publicados, com mais cinco para serem lançados de março para abril.

Referências:

[1] Advanced Dungeons and Dragons, é um RPG clássico. RPG de mesa mesmo, não eletrônico

[2]<http://rbackpack.sf.net/>

[3] Técnica de processamento, definindo um quantum para cada projeto

<http://www.carlissongaldino.com.br> ✓

1º EEC BrO
Encontro Catarinense

19 de março de 2011

<http://www.consoli.org.br/ecbro/>

 BrOffice.org



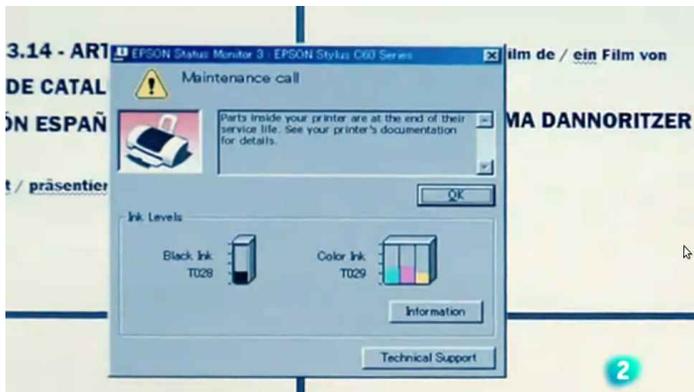
Google

Por Paulo de Souza Lima

Questões ambientais e comportamentais estão sempre “na moda”. O que falta é algo que ligue os pontos e nos faça compreender que essas questões têm muito a ver com nossas atitudes e que essas influenciam muito o mundo como um todo. É exatamente isso que o conjunto, desses três filmes, faz.

Todos eles não são encontrados em locadoras, mas são facilmente encontráveis no Youtube.

O primeiro filme [1], “**Obsolescência Programada**”, fala de um método de incentivo ao consumo, criado na década de 1920 e levado às últimas consequências nos dias de hoje. Ele nos mostra como essa prática começou e como ela afeta o nosso dia a dia.



O segundo filme [2], “**A História das Coisas**”, mostra como a cadeia produtiva está montada e porque o modelo de desenvolvimento baseado no consumo é falho e está fadado ao fracasso. Também é um filme que nos desafia a questionar nossos próprios hábitos e tentar entender se realmente temos necessidade do que compramos, ou essas “necessidades” são colocadas em nossas mentes.

O terceiro filme [3], “**Zeitgeist, o filme**” e sua continuação [4], “**Zeitgeist Adendum**” aprofundam, ainda mais, o assunto, mostrando como a economia mundial está montada, como as grandes corporações a controlam e como os governos, mesmo os democráticos, são utilizados para a manutenção do *status quo*.



Apesar do tema dos filmes nos transportarem a um futuro um tanto tenebroso, nenhum deles nos deixa sem uma resposta de como a humanidade poderia sair desse beco, aparentemente, sem saída. Cada um deles, à sua maneira, sugere um modo para isso, que, no final das contas, levam a uma mesma conclusão:

Precisamos mudar nossos hábitos, desde os mais básicos até os mais extravagantes. E rápido.



Referências

- [1] <http://www.youtube.com/watch?v=QosF0b0i2f0>
- [2] <http://www.youtube.com/watch?v=lgmTfPzLI4E>
- [3] <http://www.youtube.com/watch?v=Opsvq7vld3I>
- [4] <http://www.youtube.com/watch?v=oZcZ5lnNxEG>





Incorporando macros Python aos arquivos ODF

Por Júlio César Eiras Melanda

Devido ao suporte ainda pequeno à programação de macros em Python no BrOffice/LibreOffice, muitas pessoas acabam preferindo utilizar o OOBASIC, uma variação da linguagem Basic com funções especiais para trabalhar com documentos BrOffice. Porém, será mostrado agora que criar macros em Python e deixá-las prontas para distribuição, seja num arquivo de template ou num pacote de extensão, é muito mais fácil do que parece.

Esta é uma série de dois artigos, sendo que este trata da criação de macros embutidas nos arquivos e o próximo tratará do empacotamento da macro.

Abra o BrOffice e crie um arquivo odt vazio. Agora, use sua ferramenta de compactação preferida para descompactá-lo. Os arquivos do BrOffice são na verdade conjuntos de arquivos zipados contendo as informações de dados e conteúdo dos arquivos.

Veja como é a estrutura de pastas que você encontrará:

```
Configurations2/  
  accelerator/  
    current.xml  
  floater/  
  images/  
    Bitmaps/  
  menubar/  
  popupmenu/  
  progressbar/  
  statusbar/  
  toolbar/  
  toolpanel/  
META-INF/  
  manifest.xml  
Thumbnails/  
  thumbnail.png  
manifest.rdf  
mimetype  
content.xml  
meta.xml  
settings.xml  
styles.xml
```

Macros com Python

Por Júlio César Eiras Melanda

Cada um destes arquivos e pastas é indispensável para um arquivo de texto do BrOffice, e sua falta no arquivo resultará num arquivo corrompido.

Mas, porque estamos vendo isto?

Porque precisamos alterar elementos da estrutura do arquivo para incorporar a macro em Python.

Vamos começar criando os diretórios necessários que o arquivo ainda não possui. Na raiz do arquivo, onde se encontra o diretório **META-INF**, crie um diretório vazio chamado **Scripts**. Tenha muita atenção à capitalização das letras dos nomes dos diretórios.

Dentro do diretório **Scripts**, crie outro chamado **python**. Finalmente, dentro deste novo diretório, crie um arquivo de texto em branco chamado *minhamacro.py*. Este arquivo pode ser criado com o seu editor de textos preferido.

Obs.: As suítes de escritório geralmente possuem processadores de texto e não editores de texto, então BrOffice Writer, MS Word, e tantos outros não devem ser usados para criar o arquivo *minhamacro.py*. Este arquivo será o módulo Python que conterà nossa macro.

Abra agora o arquivo *minhamacro.py* e coloque o seguinte conteúdo, respeitando rigorosamente os recuos iniciais de cada linha (identação).

As linhas que iniciam com # são comentários, com exceção da primeira que avisa o interpretador Python qual é a codificação de caracteres que será usada.

Para efeito de simplificação do exemplo, esta macro simplesmente pega nosso arquivo em branco e acrescenta o texto “**Olá esta é minha primeira macro com python!**”.

Você pode observar que nela ajustamos o tamanho das letras para 16 e o tipo de letra para Itálico antes de inserirmos o texto.

Salve e feche o arquivo.

Agora, a estrutura do seu arquivo já está pronta, porém, se recriarmos o arquivo odt compactando o conteúdo destes diretórios, o BrOffice não saberá o que fazer com o novo diretório e considerará o arquivo como corrompido. Assim, precisamos modificar o arquivo manifest.xml, para avisar ao programa que os novos diretórios e arquivos fazem parte do arquivo, e não devem ser considerados um erro.

```
# -*- coding:utf8 -*-
#importa a biblioteca UNO do BrOffice
import uno
def HelloWorld():
    #cria um objeto documento a partir do contexto do documento local
    documento = XSCRIPTCONTEXT.getDocument()
    texto = documento.getText()
    dadosTexto = texto.getEnd()
    dadosTexto.CharHeight = 16.0
    dadosTexto.CharPosture = uno.getConstantByName (
        "com.sun.star.awt.FontSlant.ITALIC")
    dadosTexto.setString('Olá esta é minha primeira macro com python!')
    return None
```

Macros com Python

Por Júlio César Eiras Melanda

Vá então até o diretório META-INF e abra o arquivo *manifest.xml* num editor de textos. Coloque antes da última linha (</manifest:manifest>) o seguinte conteúdo:

```
<manifest:file-entry manifest:media-type="" manifest:full-
path="Scripts/python/minhamacro.py"/>
<manifest:file-entry manifest:media-type="application/binary"
manifest:full-path="Scripts/python/" />
<manifest:file-entry manifest:media-type="application/binary"
manifest:full-path="Scripts/" />
```

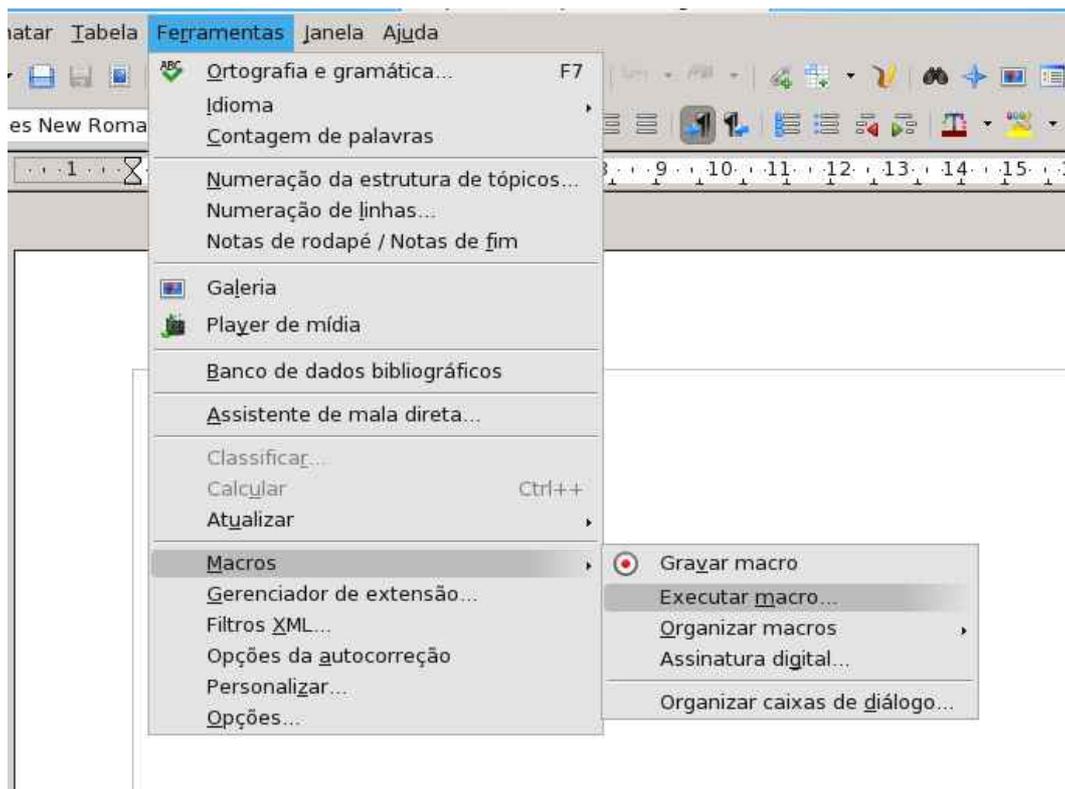
Estas linhas avisam ao BrOffice que temos um script python dentro do arquivo e onde este se encontra.

Antes de gerar o arquivo ODT, verifique se não ficou algum arquivo oculto ou de backup nos diretórios dos arquivos que foram modificados, pois isto poderia gerar arquivos ODT corrompidos.

Agora, navegue de volta para a raiz do arquivo, onde criamos a pasta Script e empacote todos os arquivos e pastas como um único arquivo zip. É importante que seja como zip, não 7zip nem rar ou qualquer outro formato de compactação para funcionar.

Renomeie o arquivo zip gerado, trocando a extensão por odt. Pronto! Agora você já tem seu arquivo ODT com uma macro python embutida!

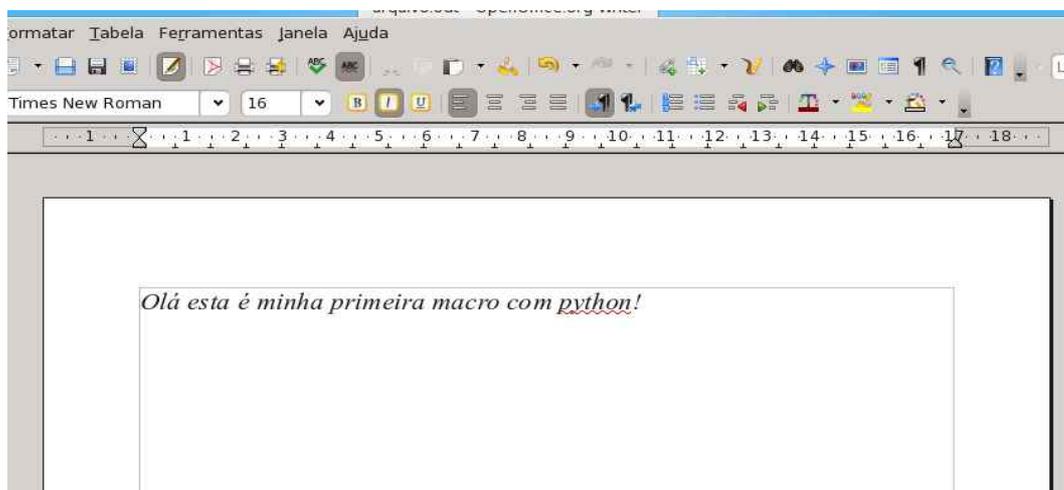
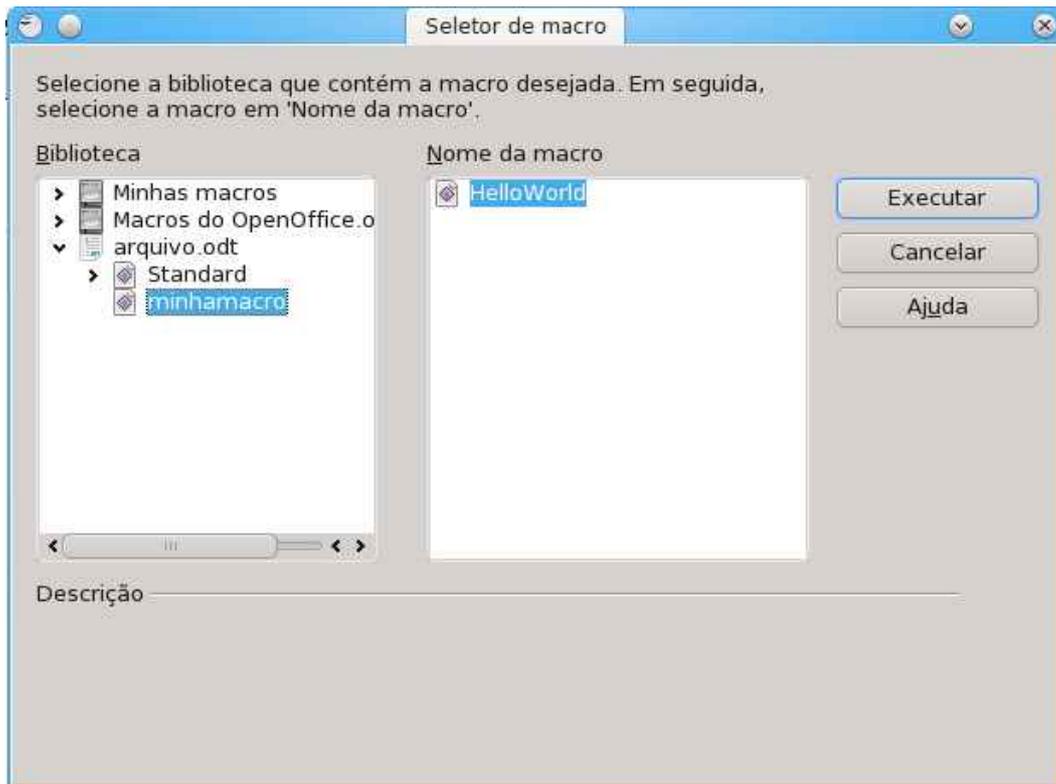
Para testar, abra o arquivo ODT no BrOffice, vá até o menu **Ferramentas**, clique em **Macros** e **Executar macro....**



Macros com Python

Por Júlio César Eiras Melanda

Será aberto um diálogo com duas caixas de seleção. Selecione na primeira à esquerda o seu documento (último item da lista), selecione *minhamacro*. Na outra caixa, selecione *HelloWorld* e clique no botão executar.

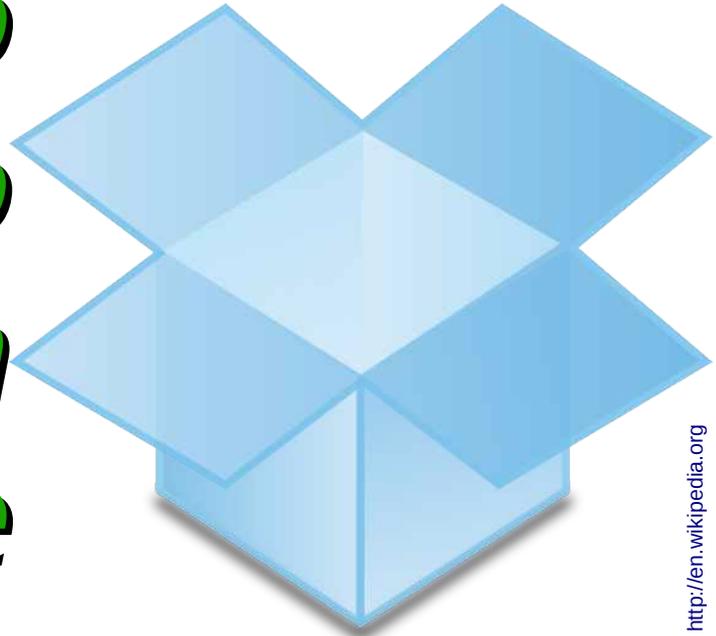


No próximo artigo, criaremos um pacote para instalarmos nossa macro como uma extensão para o BrOffice!

Até a próxima! ✓



Trabalho colaborativo virtual com BrOffice e Dropbox



<http://en.wikipedia.org>

Por Rodrigo Jardim da Fonseca

Trabalhos em grupo, sejam eles na escola, faculdade ou mesmo na vida profissional, são marcados por duas classes de problemas distintas.

A primeira, inerente a qualquer relação existente entre duas ou mais pessoas, é a divergência de ideias. Os membros do grupo discordam desde o conteúdo até as metodologias empregadas para a confecção do trabalho.

O segundo tipo de problema é o de cunho tecnológico, ou seja, os membros do grupo possuem computadores diferentes com ferramentas diferentes. Isso significa que se alguém fizer um trabalho em um programa qualquer e esse programa possuir uma licença que deve ser comprada, existe a possibilidade de que outros membros do grupo não tenham adquirido essa licença.

O primeiro tipo de problema é um empecilho natural, porém muito importante, para o melhor resultado final

do trabalho (diferentes experiências agregam mais conhecimento ao grupo).

O segundo tipo é extremamente prejudicial mas de fácil solução, por meio de softwares livres e gratuitos, como o BrOffice[1]. Qualquer pessoa pode entrar na página do BrOffice, baixar e instalar. Além do mais, o formato de arquivo do BrOffice já faz parte do padrão brasileiro definido pela ABNT[2].

Outro fator importante a ser considerado é o trabalho a distância. As pessoas hoje não querem mais se reunir presencialmente para fazer o trabalho. Cada vez mais, participo de grupos de trabalho nos quais cada um faz a sua parte no conforto do lar, os resultados parciais do trabalho são enviados por e-mail e unificados por outro membro do grupo num único documento. O e-mail pode ser problemático para essa atividade pois, quanto mais e-mails trocados, mais difícil é localizar os arquivos do trabalho.

BrOffice e Dropbox

Por Rodrigo Jardim da Fonseca

Existem muitas soluções para esse último problema. Uma delas é o Dropbox [3], que permite a sincronização de arquivos que estão em uma determinada pasta no computador com um servidor na internet de forma muito simples. Esses arquivos podem então ser compartilhados com outras pessoas que também tenham uma conta do Dropbox e todas podem ver e editar os arquivos na pasta compartilhada. Qualquer alteração é automaticamente enviada ao servidor e redistribuída entre os membros.

No semestre passado realizei trabalhos em grupo de uma disciplina de projeto na qual tivemos que produzir alguns diagramas e um relatório contendo esses diagramas. Para facilitar nossas vidas, utilizamos o Dropbox para compartilhar os arquivos do projeto com o grupo e fizemos os relatórios em BrOffice.

A seguir, farei um pequeno tutorial de como combinar essas duas ferramentas. Não vou entrar em detalhes de instalação e funcionamento. Vou supor que você e seus amigos já tenham instalado o BrOffice, e que tenham uma conta no Dropbox e tenham instalado o aplicativo do Dropbox que permite sincronização automática dos arquivos. As imagens deste tutorial foram feitas no ambiente Windows, mas também são válidas para Linux e talvez MacOS.

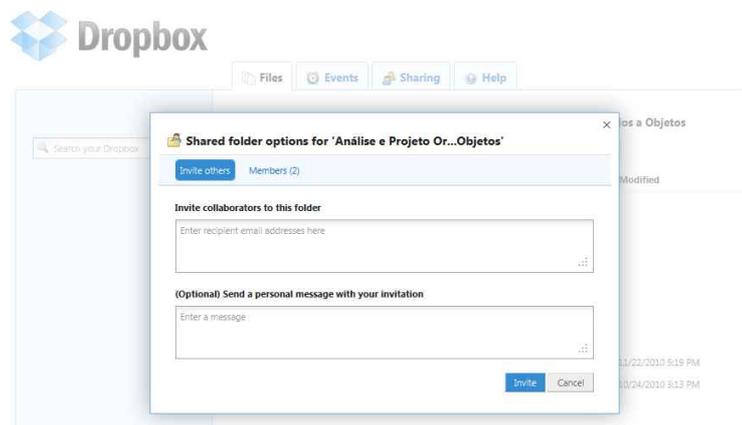
Parte 1: Compartilhando uma pasta para o projeto

A primeira coisa que você precisa fazer é criar uma pasta compartilhada. A maneira mais simples de fazer isso é ir na pasta do Dropbox no seu computador e criar uma pasta nova em algum lugar. Depois clique com o botão direito do mouse em cima da pasta e escolha a opção de compartilhar a pasta dentro do menu no Dropbox.



Isso é nada mais nada menos que um atalho que vai ligar seu navegador de internet (por exemplo, o Firefox [4]), entrar no site do Dropbox e acessar as configurações de compartilhamento da pasta. Tudo isso pode ser feito manualmente pela interface web da sua conta Dropbox.

No final, você acabará na tela onde basta colocar os e-mails das pessoas que terão acesso a pasta.



A partir desse momento, a pasta aparecerá para todos que aceitarem o compartilhamento e qualquer arquivo colocado dentro da pasta é automaticamente enviado para o servidor e distribuído entre os membros que compartilham a pasta. Na verdade, você pode até criar subpastas dentro dessa pasta e tudo é automaticamente compartilhado.

Parte 2: Controle de acesso

Uma parte muito importante a ser considerada é o controle de acesso. Isso significa criar uma regra pra quem vai manipular o arquivo e quando, pois o Dropbox não permite edição simultânea de um mesmo arquivo. Caso duas ou mais pessoas tentem editar o mesmo arquivo, ou as modificações de uma das pessoas pode se perder ou é criado um conflito das versões do arquivo e este deve ser resolvido caso a caso, de forma manual.

BrOffice e Dropbox

Por Rodrigo Jardim da Fonseca

O melhor a fazer aqui é combinar com o grupo quando cada um terá acesso a quais arquivos dentro da pasta. Isso pode ser feito por e-mail ou algum IM (Instant Messenger) como skype, msn ou gtalk ou ainda mediante a criação de um arquivo extra vazio com o nome do arquivo que está sendo editado, assim todos sabem que só podem mexer em um arquivo se não existir esse outro arquivo (e devem criar um antes de começarem a alterar os arquivos). Depois de concluída a edição do documento, esse arquivo extra deve ser removido para que todos saibam que o documento está livre para edição.

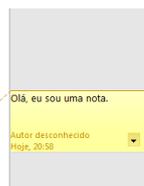
Por exemplo, existe um documento chamado *relatorio.odt*. Antes de alguém abrir esse arquivo essa pessoa cria um arquivo texto normal e em branco chamado *relatorio.lock* e então abre o *relatorio.odt* para edição. Quando uma outra pessoa abrir essa pasta e ver esse arquivo *relatorio.lock* saberá que tem alguém utilizando o arquivo *relatorio.odt* e esperará até que o outro arquivo seja removido. Ao concluir a edição do *relatorio.odt*, remove-se o arquivo *relatorio.lock* e todos saberão que o arquivo já está liberado para edição para outras pessoas.

Parte 3: Editando um documento do BrOffice de forma colaborativa

O BrOffice não permite edição simultânea, mas permite a inserção de Anotações. Isso pode ser feito pelo menu **Inserir > Anotação** ou com o atalho **CTRL+ALT+N**.

por duas classes de problemas distintas. A primeira, inerente a qualquer relação existente entre duas ou mais pessoas, é a divergência de ideias. Os membros do grupo discordam desde o conteúdo até as metodologias empregadas para a confecção do trabalho. O segundo tipo de problema é o de cunho tecnológico, ou seja, os membros do grupo possuem computadores diferentes com ferramentas diferentes. Isso significa que se alguém fizer um trabalho em um programa qualquer e esse programa possuir uma licença que deve ser comprada, existe a possibilidade de que outros membros do grupo não tenham adquirido essa licença.

Ao passo que, o primeiro tipo de problema é virtualmente impossível de ser resolvido, além de extremamente desejável para um melhor resultado do trabalho final, (diferentes experiências agregam mais conhecimento ao grupo) o segundo tipo é extremamente prejudicial mas de fácil solução, por meio de softwares livres e gratuitos, como o BrOffice³. Qualquer pessoa pode entrar na página do BrOffice, baixar e instalar. Além do mais, o formato de arquivo do BrOffice já faz parte



A anotação fica ao lado da página sendo editada no BrOffice e referencia a um determinado ponto onde estava o cursor quando a anotação foi criada. Automaticamente, na anotação, é adicionada a data e hora da anotação e o nome de quem a criou (esse nome

é obtido daquele formulário preenchido quando se executa o BrOffice na primeira vez). O ponto interessante é que o BrOffice tem inteligência suficiente para colocar as notas criadas por diferentes pessoas em cores diferentes. Assim, é possível deixar anotações para os outros membros do grupo sem que todos estejam juntos.

Uma situação que aconteceu muito comigo foi que, ao escrever uma parte do documento, eu deixava uma anotação do tipo “Revise essa parte” depois meu amigo me avisava (pessoalmente ou pelo gtalk) que já lera e havia deixado uma resposta e eu abria o documento e, abaixo da minha anotação, vinha a resposta dele (sim, é possível responder a uma anotação com outra anotação) como “Alterei tal coisa” ou “Está bom”. Então bastava apagar as anotações que já haviam sido respondidas ou não eram mais necessárias para não acumular lixo no documento.

Parte 4: Conclusões

Fazer trabalho em grupo pode ser um problema pois há boa chance de os membros da equipe não possuírem disponibilidade de tempo compatíveis ou morarem muito longe uns dos outros. Nesses casos, o trabalho é quase sempre realizado pela internet, via uma constante troca de e-mails. Trocar e-mails é prejudicial pois, depois de um tempo, torna-se muito difícil descobrir qual a versão principal ou a mais atual ou, com certa frequência, achar o arquivo na caixa de entrada em meio a outros tantos e-mails recebidos.

Usar o GoogleDocs [5] também não é uma opção muito interessante pois a formatação é bem limitada e gostaríamos de um arquivo já com a formatação final.

Resta-nos o BrOffice, uma solução multiplataforma e a disposição de todos. Apesar de apenas ser possível um usuário por vez, as anotações pertencem a cada usuário. O uso de anotações, no lugar de e-mails, é um grande avanço pois permite comentário focado na linha em que se está. Você vê a anotação e vê a linha. Em um e-mail, você tem o comentário sem associação com o texto.

BrOffice e Dropbox

Por Rodrigo Jardim da Fonseca

Como as anotações ficam na lateral da página, também fica muito fácil localizar os trechos que precisam de atenção. A diferença de cores para anotações de usuários diferentes facilita separar as suas anotações das anotações dos outros. Escrever no mesmo arquivo também ajuda a manter a formatação e os padrões.

O uso do Dropbox nos permite compartilhar arquivos locais, que estão no seu computador, com outras pessoas pela internet de forma muito simples. Assim, os e-mails trocados pelo grupo passam a ser apenas informativos. Também há uma maior segurança contra a perda desses arquivos pois, além dos arquivos também se encontram na internet, o Dropbox armazena as versões anteriores dos arquivos, de forma que pode-se recuperar versões antigas.

Existem muitas outras formas de implementar esse sistema, essa foi apenas uma sugestão. Trabalhos em grupo sempre exigirão reuniões presenciais para discutir e fazer coisas. Essa sugestão é melhor aplicada se for apenas utilizada da confecção de relatórios, afinal, quanto mais independente os membros do grupo, mais difícil de juntar todas as partes será. ✓

Referências:

- 1 - <http://www.broffice.org/>
- 2 - <http://www.abnt.org.br/>
- 3 - <http://www.dropbox.com/>
- 4 - <http://www.getfirefox.com>
- 5 - <https://docs.google.com/>



Host Gator
Hospedagem de Sites

O melhor Suporte
do Mercado

Acesse agora mesmo o HotSite da promoção e utilize o código promocional **broffice** para receber **3 Meses de Hospedagem Grátis.**

www.hostgator.com.br/broffice

PLANOS DE HOSPEDAGEM
PLANOS DE REVENDA
SERVIDORES DEDICADOS



BrOffice e o tradutor do Google

Por Clóvis Tristão

Um dos tradutores mais famosos e utilizados é o Google Tradutor, uma ferramenta acessível e de fácil utilização. É um recurso indispensável nas traduções de textos, suportando atualmente 57 línguas.

Com este documento, pretendemos demonstrar como instalar e utilizar o aplicativo Google Transmiti [1] (uma extensão do Google Tradutor), em conjunto com o BrOffice, nas produções e traduções de textos.

- O primeiro passo é baixar o software gratuitamente do site <http://www.transmiti.org/en/index.html>. O programa é pequeno, com aproximadamente 650 Kb.
- Execute o *Trasmiti.exe* para instalar em seu micro, existem somente versões para Windows XP/Vista/7, veja a Figura 1, tela inicial do programa.



Figura 1: Tela inicial do Transmiti.

BrOffice e o tradutor do Google

Por Clóvis Tristão

Para configurar o programa clique em **Definições**, veja Figura 2.



Figura 2: Tela de Definições.

Nessa tela, pode-se selecionar o idioma desejado para tradução, em **medidas complementares**, existe a possibilidade de substituir o texto selecionado ou copiá-lo.

Utilizando o Transmiti no BrOffice

Abra o BrOffice, carregue um documento ou crie um novo documento, conforme os exemplos abaixo, Figuras [3, 4].
 Selecione o texto desejado para a tradução e depois pressione a tecla Windows.

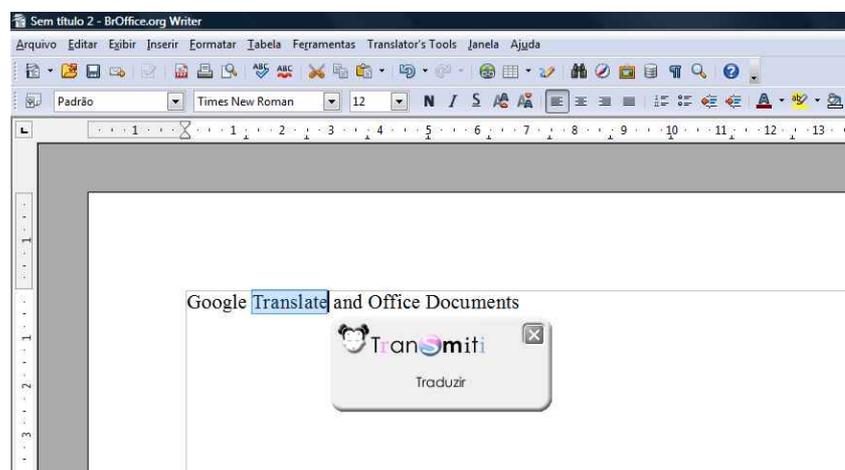


Figura 3: Tradução da palavra inglesa Translate para Português.

BrOffice e o tradutor do Google

Por Clóvis Tristão

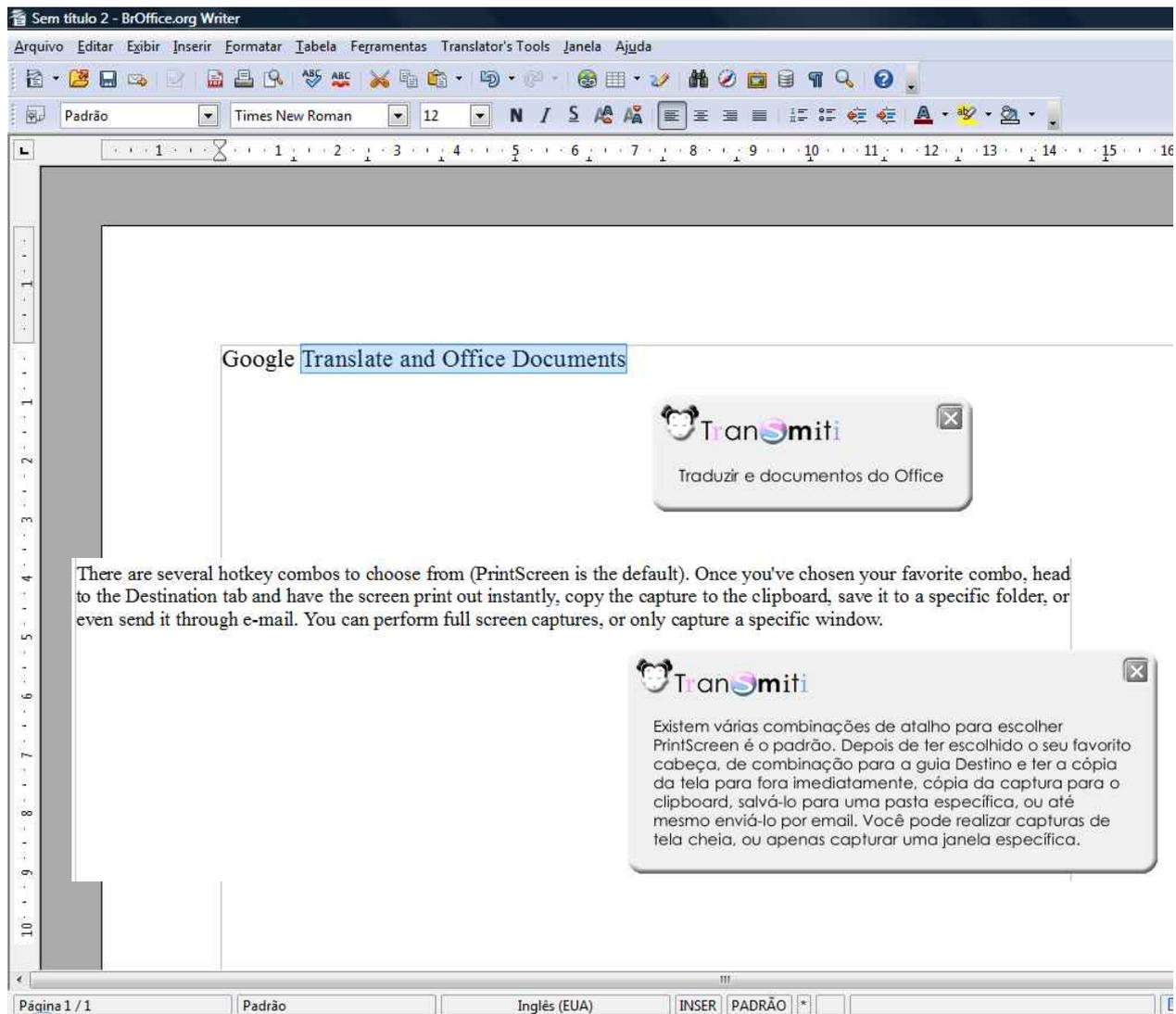


Figura 4: Tradução de uma palavra composta ou parágrafo.

Referências

[1] <http://www.transmiti.org/en/index.html> ✓





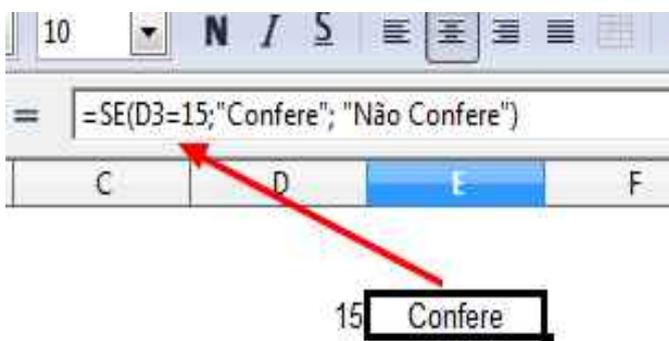
Utilizando a função SE em cadeia no Calc



Por Helmar Fernandes

Essa é uma dica simples, mas que pode ter muita utilidade no dia a dia.

A função "SE" é uma das mais utilizadas, no Calc, para buscar, ou apresentar resultados em uma célula, baseando-se em condições de outra(s) célula(s). Em uma fórmula simples, para dar um exemplo, a função testa o valor da origem, e retorna um valor de resultado, de acordo com o valor testado. Por exemplo:



Aqui, a fórmula testa se o valor da célula "D3" é igual a 15. Então, ela retorna uma expressão, para o caso de ser verdadeira, ou outra expressão, para o caso de ser falsa.

Mas, vamos ver como podemos utilizar esta expressão para testar mais de uma condição, ou várias condições em cadeia.

Suponhamos que temos uma lista com o número de participações de membros de um grupo em eventos, e queremos atribuir-lhes pontos, segundo o percentual de participação de cada um. Por exemplo: seriam atribuídos 30 pontos para aqueles que tiveram mais de 60% de participação; 20 pontos para aqueles que tiveram de 30,01% a 60% de participação; 10 pontos para aqueles que tiveram de 10,01% a 30% de participação e, finalmente, zero para aqueles que tiveram até 10% de participação.

Nossa função, então, teria que realizar quatro testes diferentes, pois seriam possíveis quatro resultados. Como fazer isso em uma única fórmula? O segredo é a sintaxe correta testando, sempre, a condição de maior valor, primeiro (caso contrário, haveria mais de um resultado verdadeiro para determinado teste). Exemplificando, teríamos a seguinte fórmula:

```
=SE(F2>0,6;30;SE(F2>0,3;20;SE(F2>0,1;10;0)))
```

Utilizando a função SE em cadeia no Calc

Por Helmar Fernandes

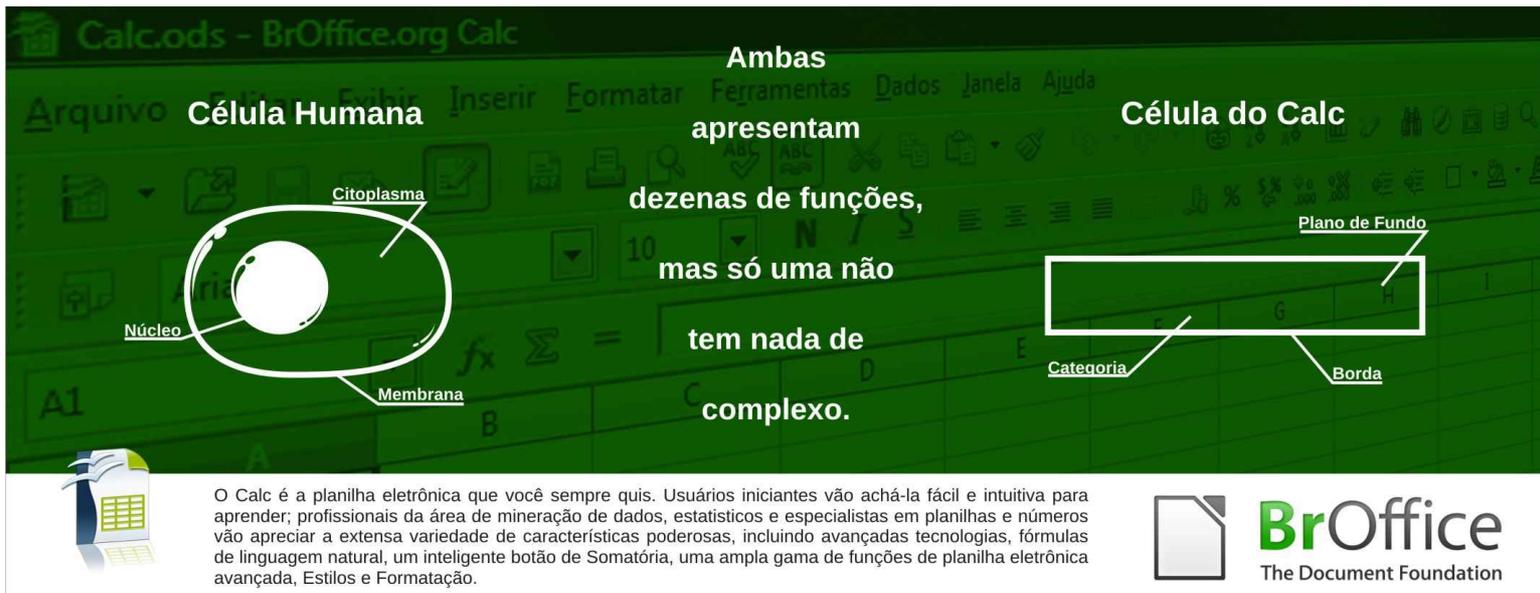
=SE(F2>0,6;30;SE(F2>0,3;20;SE(F2>0,1;10;0)))

	C	D	E	F	G
	Eventos	Presença	% Participação		Pontos Obtidos
NOME1	12	8	66,67%		30
NOME2	12	5	41,67%		20
NOME3	12	1	8,33%		0
NOME4	12	2	16,67%		10
NOME5	12	3	25,00%		10

A fórmula testa, primeiro, se o valor da coluna "F" é maior do que 60%. Caso seja verdadeiro, ela retorna os 30 pontos. Caso seja falso, ela testa se o valor é maior do que 30% (e, conseqüentemente, menor do que 60%, pois este teste já foi validado).

E assim sucessivamente, até que, para o caso de todos os três testes serem falsos, o valor de retorno será 0 (zero).

Depois, é só copiar a fórmula para as células da mesma seqüência, para o obter os resultados para os demais valores das linhas abaixo. ✓



Célula Humana vs **Célula do Calc**

Ambas apresentam dezenas de funções, mas só uma não tem nada de complexo.

Célula Humana: Citoplasma, Núcleo, Membrana.

Célula do Calc: Plano de Fundo, Categoria, Borda.

O Calc é a planilha eletrônica que você sempre quis. Usuários iniciantes vão achá-la fácil e intuitiva para aprender; profissionais da área de mineração de dados, estatísticos e especialistas em planilhas e números vão apreciar a extensa variedade de características poderosas, incluindo avançadas tecnologias, fórmulas de linguagem natural, um inteligente botão de Somatória, uma ampla gama de funções de planilha eletrônica avançada, Estilos e Formatação.

BrOffice
The Document Foundation

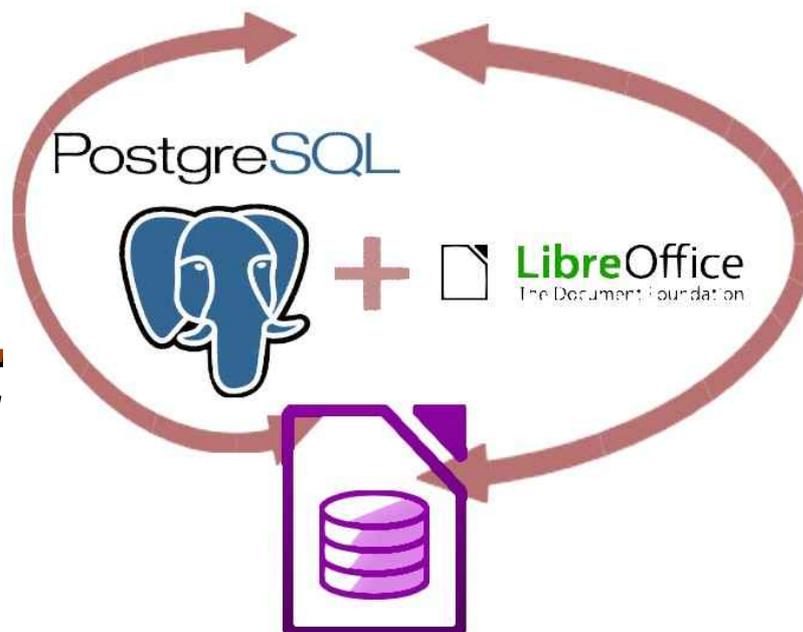


flisol 2011 09 abril
Goiás

<http://flisolgo.org.br>



Base e PostgreSQL: Acomodando um Elefante no Escritório



Helmar Fernandes

Por Leonardo Cezar

O PostgreSQL é o gerenciador de base de dados de código aberto mais avançado do mundo e seu logo é um elefante por conta de sua extraordinária capacidade de armazenamento. LibreOffice Base é a ferramenta de administração de dados na suíte de escritório livre. A combinação dos recursos de manipulação de dados no Base com a robustez e segurança do PostgreSQL é o assunto desta edição na coluna Espaço Aberto.

O Base possui recursos sofisticados para comunicação com fonte de dados externas, como: o catálogo de endereços, árvore de diretórios (*Idap*), planilhas do LibreOffice Calc, entre outros. Este tipo de integração permite que você manipule os dados oriundos de fontes estrangeiras com as ferramentas de formulários, consultas e relatórios do Base; gerando resultados excelentes e agregando produtividade.

Para ampliar as opções de integração, é possível utilizar softwares de terceiros e obter acesso a outras variedades de servidores de banco de dados, através de componentes de interação, também conhecidos como *drivers* ou *adaptadores*.

Neste artigo acompanharemos os procedimentos necessários para acessar o PostgreSQL a partir de conexões utilizando adaptadores JDBC (*java database connectivity*) e, muito embora tenhamos utilizado o PostgreSQL como base de dados para escrever este

artigo, os procedimentos mencionados aqui podem ser utilizados para comunicação com outros servidores de banco de dados, sendo necessário apenas a substituição do adaptador.

Para configurar a comunicação com o PostgreSQL devemos seguir as seguintes etapas:

1. Obter o controlador JDBC do PostgreSQL;
2. Configurar o LibreOffice para usar o adaptador JDBC;
3. Conectar na base de dados externa;

Os detalhes destes procedimentos são descritos a seguir.

Obter o adaptador JDBC compatível com a versão do banco

O JDBC é a especificação que determina a interface onde uma aplicação cliente se comunica com uma base de dados do servidor para manipular os dados.



Base e PostgreSQL

Por Leonardo Cezar

Para evitar a incompatibilidade de software é necessário verificar as versões de sua máquina virtual java (JVM) e de seu banco de dados, para só então obter o arquivo de comunicação adequado. Para conferir a versão da máquina virtual abra a caixa de preferências do LibreOffice e selecione a opção **BrOffice** → **Java** (ver figura 1). Caso a sua instalação do LibreOffice ainda não possua uma JRE instalada, será necessário incluir uma nova a partir deste menu.

Conforme mostra a figura 1, a versão da nossa máquina

virtual é 1.6.0_17 e devemos considerar apenas os dois primeiros dígitos (1.6) para identificar qual *driver* usar.

Isto significa que devemos escolher a versão 4 da API do JDBC. Para conferir a versão do PostgreSQL, você pode perguntar para o seu administrador de sistemas ou abrir um terminal de consultas e executar o comando: **SELECT version();** Em nosso servidor o valor retornado por este comando é **“PostgreSQL 9.0.1 on x86_64”** e isto significa que a versão de banco que utilizaremos nos exemplos é 9.0.1.

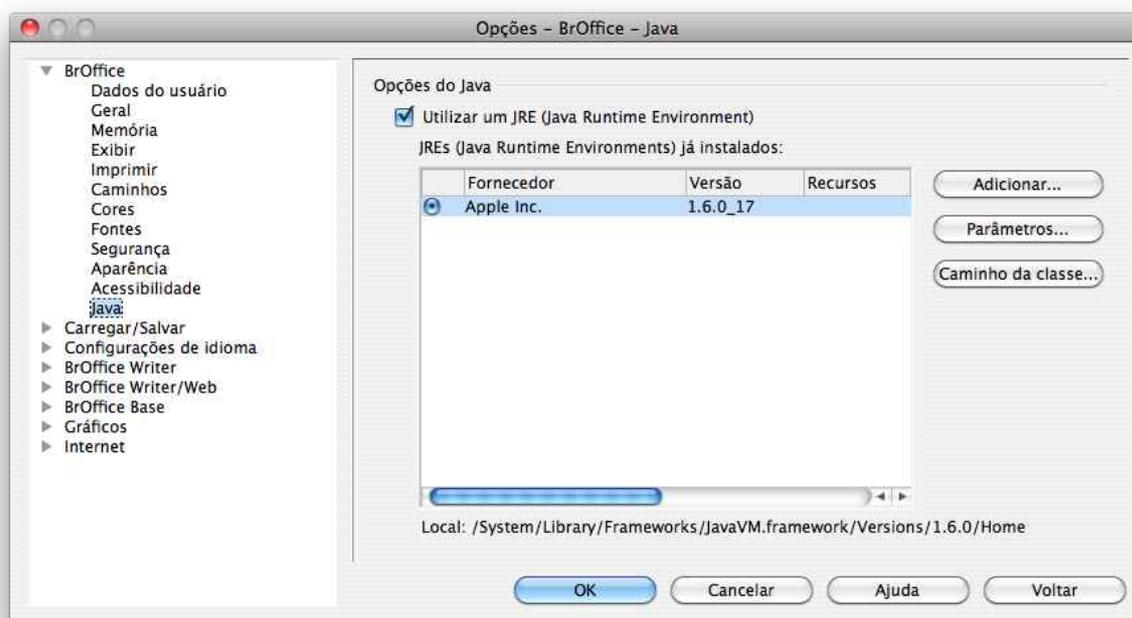


Figura 1: Verificando versão do Java

Agora que já sabemos qual a nossa versão de software, podemos obter a implementação adequada do adaptador para postgres, também referida como JDBC PostgreSQL Driver, no endereço <http://jdbc.postgresql.org/download>. No caso da versão 9.0 do postgres, o arquivo correto para carregar é **postgresql-9.0-801.jdbc4.jar**. A tabela 1 exhibe a relação de JREs e seus respectivos adaptadores JDBC.

Versão	JDBC3 (1.4 – 1.5)	JDBC4 (+1.6)
9.0	postgresql-9.0-801.jdbc3.jar	postgresql-9.0-801.jdbc4.jar
8.4	postgresql-8.4-702.jdbc3.jar	postgresql-8.4-702.jdbc4.jar
8.3	postgresql-8.3-606.jdbc3.jar	postgresql-8.3-606.jdbc4.jar

Tabela 1: Compatibilidade JRE/JDBC



Base e PostgreSQL

Por Leonardo Cezar

Configurar o LibreOffice para usar o adaptador JDBC

O arquivo carregado no sítio do JDBC possui todas as informações e classes necessárias para conectarmos no banco de dados, porém precisamos informar ao LibreOffice que este arquivo existe. Para tornar o arquivo acessível pelo LibreOffice, clique em “**Caminho da classe**” no menu da figura 1, uma nova caixa de diálogo se abrirá com a opção de adicionar arquivo (figura 2). Clique na opção “**Adicionar arquivo**” e localize o .jar obtido no site. Após incluir este arquivo clique em **ok** e reinicie o LibreOffice.

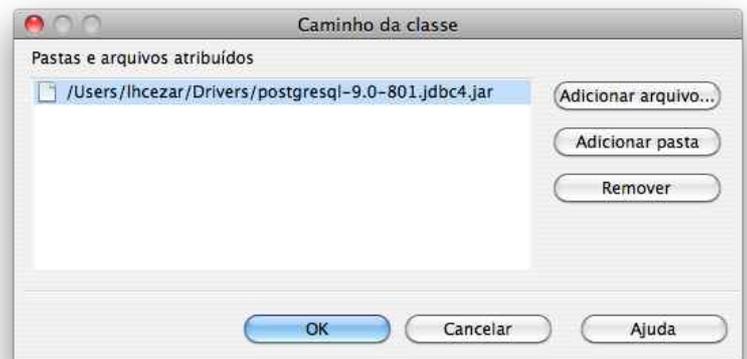


Figura 2: Incluir caminho do arquivo do postgresql

Conectar na base de dados através do JDBC

Neste momento o Base já está habilitado a acessar o PostgreSQL e agora precisamos apenas configurar uma conexão com a fonte externa de dados. Para isto, utilize o menu **Arquivo** → **Novo** → **Banco de dados**. Selecione a opção “**Conectar a um banco de dados existente**” e escolha **JDBC** como método de conexão, em seguida clique em **Próximo** (figura 3).

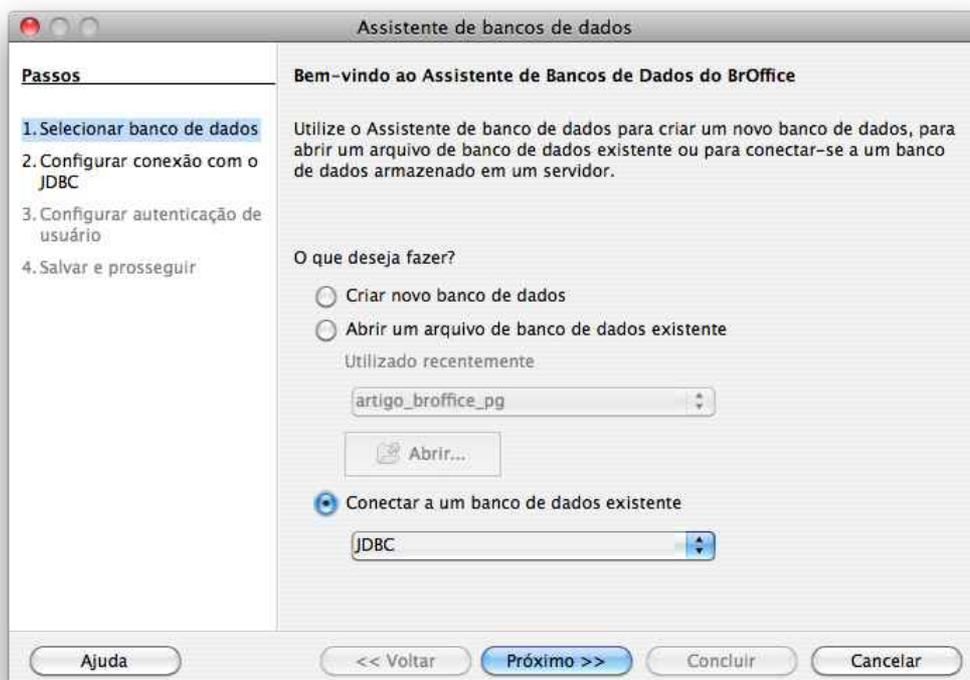


Figura 3: Criando uma nova conexão JDBC



Atenção! Mesmo que você encontre um método para se conectar com o PostgreSQL na caixa de seleção da figura 3, não o faça.



Base e PostgreSQL

Por Leonardo Cezar

Agora é necessário configurar os parâmetros de acesso ao nosso servidor de banco de dados. Para isto utilize as informações fornecidas pelo seu administrador de sistemas para preencher as caixas de entrada da figura 4. No campo “**URL da fonte de dados**” irá aparecer inicialmente a expressão *jdbc*. Informe neste campo a sequência de caracteres abaixo e substitua <servidor> e <base_dados> pelas informações necessárias para conectar na sua base de dados.

postgresql://servidor:5432/base_dados

Em seguida, no campo “**Classe do driver JDBC**” devemos informar a classe do *driver* JDBC com a sequência: “**org.postgresql.Driver**” (sem aspas e obedecendo letras maiúsculas). Para certificar-se que o *driver* está funcionando corretamente, clique em **Testar classe** e uma mensagem aparecerá informando que o Driver JDBC foi carregado com êxito. Para concluir clique em **Ok** e avance para a próxima tela.

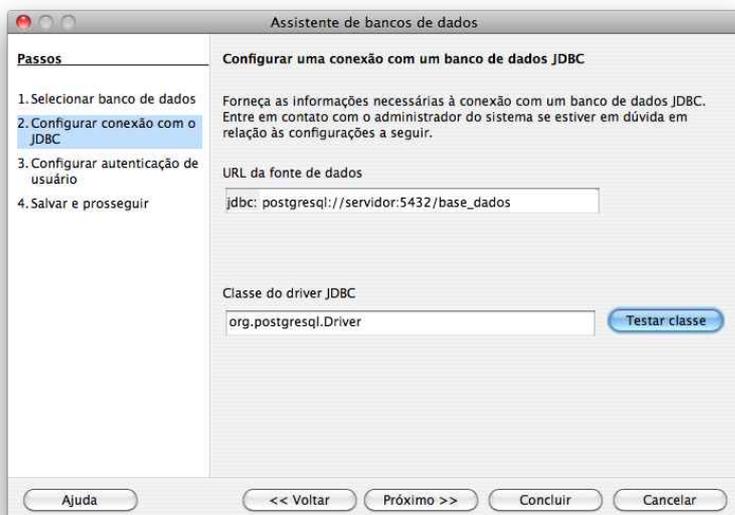


Figura 4: Parâmetros de conexão com a base externa.

Na última etapa do processo de configuração é necessário fornecer um nome de usuário e senha válidos. A tela “**Configurar a autenticação de usuário**” (ver figura 5) exibe as informações de inclusão dos dados. Se você ainda não tem essas credenciais, então solicite ao administrador de banco de dados para conceder direitos de acesso.

Observação: Embora não recomendado, algumas configurações de bases de dados não exigem a utilização da senha e, portanto, será necessário desabilitar a opção de senha obrigatória.

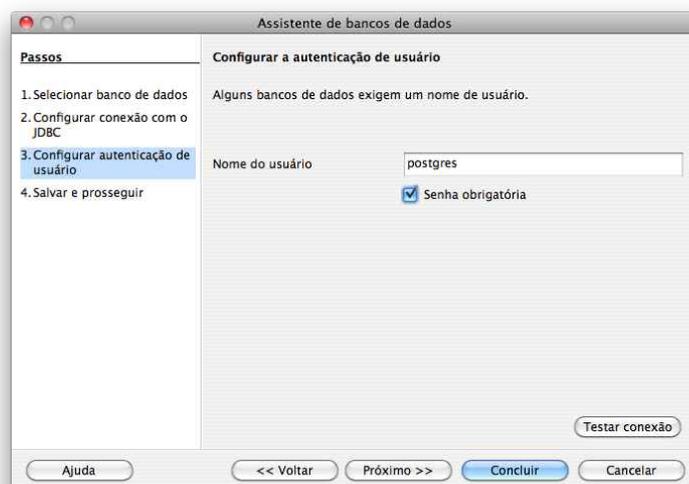


Figura 5: Configuração de autenticação de usuário

Ao clicar em **Concluir**, será exibido um diálogo para gravar o novo arquivo de banco de dados do Base (odb) vinculado com a base externa no seu disco. Escolha um diretório e nome de arquivo e *voilà!*

Quando você abrir o arquivo .odb recém-criado, será exibida uma tela com seus objetos de banco de dados (tabelas) vinculados, de forma que será possível iniciar o trabalho.

Nas próximas edições veremos como manipular os dados vinculados, através da criação de consultas, formulários de edição e relatórios complexos de exibição.

Até lá! ✓



PSID - Projeto Social de Inclusão Digital “Anjo Da Guarda”

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Tocantins Campus Palmas, junto com a Coordenação de Extensão está oferecendo diversos cursos para alunos, servidores e a comunidade em geral. As aulas serão realizadas nos finais de semana entre os dias 12 de março a 28 de maio deste ano. A carga horária será de aproximadamente de 60 horas.



A TDF já conseguiu o valor mínimo necessário pra criar a fundação com sede na Alemanha

Em apenas oito dias, aproximadamente 2 mil doadores de todo o mundo contribuíram



com 50 mil euros para a formação do capital social mínimo necessário para fundar a entidade legalmente na Alemanha. *"Ainda não conseguimos acreditar"* disse Florian Effenberger, membro do Comitê Gestor. *"Tudo aconteceu num período tão curto de tempo muito além das nossas mais otimistas expectativas. Vocês são demais! Em nome da Comunidade, o Comitê Gestor gostaria de agradecer aos doadores pelo seu generoso apoio"*.

Rio Claro-SP, inaugura Sala de Inclusão Digital

A prefeitura de **Rio Claro, SP**, inaugurou no fim do mês de fevereiro uma Sala de Inclusão Digital. Uma iniciativa do Fundo Social de Solidariedade do município com o objetivo de oferecer cursos de capacitação voltados às áreas fisco contábil e de informática básica.

1º Encontro Catarinense de BrOffice

O Grupo de Usuário BrOffice de Santa Catarina em parceria com a Consoli, Comunidade Neotrentina de Software Livre da Cidade de Nova Trento/SC, vai realizar o Primeiro Encontro Catarinense de BrOffice. O evento será realizado no dia 19 de março de 2011 a partir das 09:00 horas da manhã.



Gubro-SC

Informações sobre a programação e inscrições em: <http://softwarelivre.org/consoli>

Dia da Liberdade dos documentos 2011

A **Free Software Foundation Europe (FSFE)** convida indivíduos, grupos da comunidade e instituições a celebrar o Dia da Liberdade dos Documentos (DFD) no dia 30 de março. DFD é um dia de ação global para celebrar padrões e formatos de documentos abertos e sua importância. Padrões abertos garantem a liberdade de acesso aos seus dados, e a liberdade de criar Softwares Livres que possam escrever e ler dados nesses formatos.

LibreOffice 3.3.1 traz novos ícones coloridos e elimina vários problemas para melhorar a estabilidade

A TDF anunciou em fevereiro a versão final do **LibreOffice 3.3.1**, o primeiro micro lançamento do pacote de escritório livre para produtividade pessoal, para melhorar a estabilidade do software e eliminar vários problemas que afetam as versões para Windows, Linux e MacOS X.



O LibreOffice 3.3.1 também traz novos ícones coloridos baseados nas diretrizes da marca The Document Foundation e inclui atualizações de vários pacotes de idiomas.

"O LibreOffice 3.3 foi nossa primeira versão estável e o retorno dos usuários tem sido extremamente positivo", disse Thorsten Behrens, um dos desenvolvedores com um assento no Comitê Gestor. *"Conseguimos solucionar um grande número de erros em um espaço muito curto de tempo, de forma a manter nosso cronograma de lançamentos. Haverá um outro lançamento dentro de um mês, antes da nossa segunda versão principal, no início de Maio"*.